

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE DESPORTOS

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**ANÁLISE DE 3 AULAS EM UM PROGRAMA DE ATIVIDADE
MOTORA ADAPTADA – SOLO E PISCINA**

THIAGO ROCHA DE MIRANDA

FLORIANÓPOLIS 2011

THIAGO ROCHA DE MIRANDA

**ANÁLISE DE 3 AULAS EM UM PROGRAMA DE ATIVIDADE
MOTORA ADAPTADA – SOLO E PISCINA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Educação Física.

Prof^ª. Dra. Ângela T. Zuchetto - Orientadora

FLORIANÓPOLIS, 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura

A Comissão examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia),

**ANÁLISE DE 3 AULAS EM UM PROGRAMA DE ATIVIDADE
MOTORA ADAPTADA – SOLO E PISCINA**

Elaborado Por

THIAGO ROCHA DE MIRANDA

Como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Educação Física.

Banca examinadora:

Presidente: Prof^a Dr^a. Ângela T. Zuchetto - UFSC

Membro: Prof. Dr. John Peter Nasser - UFSC

Membro: Prof^a. Ms. Cristiani de França - UDESC

Suplente: Prof^a. Ms. Talita Miranda Cavalcante - UDESC

Florianópolis, 28 de Junho de 2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu força e sabedoria para a realização e conclusão do curso de Educação Física.

Aos meus pais, Jorge Luiz e Virgínia, e a minha irmã Mariana, que sempre me apoiaram e me deram condições de cursar a faculdade. Agradeço pelo amor, carinho, atenção e paciência que tiveram comigo durante todo esse tempo.

A minha noiva Ana Carolina, por fazer parte da minha vida e me tornar uma pessoa mais feliz. Pelo incentivo durante a realização deste trabalho, e também pela compreensão durante os momentos em que precisei ficar ausente.

Aos amigos que conquistei durante esses período de faculdade, que fizeram todos esses anos tornarem-se inesquecíveis, e que, com certeza, deixarão muitas saudades.

A todos os professores da faculdade, pelo conhecimento adquirido, em especial à professora Ângela, pela orientação a desenvolver este estudo e também pelo exemplo de dedicação, amor e carinho que sempre demonstrou junto ao seu programa e as crianças. Esse seu empenho torna-se acima de tudo uma lição de vida, da qual fico muito orgulhoso de ter participado.

Aos alunos do programa AMA, que foram protagonistas do meu estudo, e que fizeram desse momento que estivemos juntos muito especial, momento este que vou guardar comigo para sempre.

Enfim, agradeço a todos que participaram dessa trajetória, e que contribuíram de alguma forma para que eu conseguisse concluir este trabalho.

“Inclusão é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro, e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós”

(MANTOAN).

RESUMO

O objetivo deste estudo descritivo foi analisar três sessões de atividade motora adaptada, sendo uma no solo e duas na piscina, comparando os resultados obtidos com relação à gestão do tempo, comportamento motor e necessárias adequações e o comportamento social de 12 crianças com deficiência. Para a coleta de dados foi utilizada a filmagem das aulas ministradas e a partir daí foram feitas as primeiras observações. Para analisar o tempo nas atividades motoras adaptadas, utilizou-se a Matriz do Tempo de Engajamento na aula. O comportamento motor foi analisado a partir da Matriz do Comportamento Motor, esta composta por 12 diferentes categorias. A análise do comportamento social foi feita através do sociograma – através da matriz de análise. Participaram desta pesquisa 12 crianças, todas elas participantes do programa AMA, com deficiências do tipo intelectual, física, auditiva e visual e síndrome do espectro autista. Averiguou-se maior aproveitamento do tempo na aula 3, realizada na piscina, enquanto a aula 2 (solo) teve menor aproveitamento, apresentando tempos de transição e atividade maiores, devido à maior proporção acadêmico/criança nesta aula. A aula 1 realizada na piscina também demonstrou maior relação interpessoal entre as crianças, comparado a aula 2. Esta aula realizada no solo apresentou demanda maior de adequações com relação ao comprometimento motor das crianças, comparado às duas outras aulas, realizadas na piscina. Conclui-se que mesmo com todas as crianças apresentando variados comprometimentos, a atividade motora adaptada é de fundamental importância para o desenvolvimento das mesmas. As respostas aos estímulos são diferentes para cada criança, onde se observa a importância de respeitar sempre a individualidade de cada uma delas, durante o planejamento, organização e a execução de qualquer atividade, seja ela realizada no solo ou na piscina.

Palavras-Chave: Criança com Deficiência, Comportamento motor, Comportamento Social, Gestão do tempo, Atividade Motora Adaptada.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELA 1 – Caracterização dos Participantes	24
FIGURA 1 – Organograma dos Procedimentos e Coleta de Dados	26

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Características das aulas.....	27
QUADRO 2 – Atividades da Aula Piscina I	27
QUADRO 3 – Atividades da Aula Solo	27
QUADRO 4 – Atividades da Aula Piscina II.....	27

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Tempo das Aulas.....	28
GRÁFICO 2 – Comportamento Motor das Crianças – Aula 1.....	31
GRÁFICO 3 – Comportamento Motor das Crianças – Aula 2.....	33
GRÁFICO 4 – Comportamento Motor das Crianças – Aula 3.....	34
GRÁFICO 5 – Sociograma Aula 1.....	36
GRÁFICO 6 – Sociograma Aula 2.....	37
GRÁFICO 7 – Sociograma Aula 3.....	38
GRÁFICO 8 – Tempo da Aula 1.....	40
GRÁFICO 9 – Tempo da Aula 2.....	41
GRÁFICO 10 – Tempo da Aula 3.....	42
GRÁFICO 11 – Desempenho Motor de C1	44
GRÁFICO 12 – Desempenho Motor de C2	45
GRÁFICO 13 – Desempenho Motor de C3	47
GRÁFICO 14 – Desempenho Motor de C4	48
GRÁFICO 15 – Desempenho Motor de C5	49
GRÁFICO 16 – Desempenho Motor de C6	51
GRÁFICO 17 – Desempenho Motor de C7	52
GRÁFICO 18 – Desempenho Motor de C8	53
GRÁFICO 19 – Desempenho Motor de C9	54

GRÁFICO 20 – Desempenho Motor de C10	55
GRÁFICO 21 – Desempenho Motor de C11	56
GRÁFICO 22 – Desempenho Motor de C12	58
GRÁFICO 23 – Sociograma Aula 1.....	60
GRÁFICO 24 – Sociograma Aula 2.....	62
GRÁFICO 25 – Sociograma Aula 3.....	65

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Plano de Aula 1	75
APÊNDICE B – Plano de Aula 2	77
APÊNDICE C – Plano de Aula 3	78

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Matriz de Análise do Tempo	80
ANEXO B – Matriz de Análise do Comportamento Motor	81
ANEXO C – Matriz de Análise do Comportamento Social – Sociograma	82

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS	12
1.1.1 Objetivo Geral	12
1.1.2 Objetivos Específicos	12
1.2 Justificativa.....	12
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 Pessoas com Deficiência	14
2.2 Tipos de Deficiência.....	14
2.3 A Educação Física Adaptada e sua Importância	20
2.4 Importância para o Desenvolvimento Social.....	21
2.5 Adequações do Comportamento Motor.....	21
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
3.1 Caracterização do Estudo	23
3.2 Participantes da Pesquisa.....	24
3.3 Coleta de Dados.....	25
3.4 Análise dos Dados	25
3.5 Procedimentos Éticos	25
3.6 Procedimentos na Coleta de Dados	26
4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	28
4.1 O Tempo das Aulas	28
4.2 O Comportamento Motor e suas Adequações	30
4.3 O Comportamento Social durante as Aulas.....	35
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	39
5.1 O Tempo total, Transição e o Tempo em Atividade	39
5.2 Desempenho Motor e Necessárias Adequações	43
5.3 As Relações Interpessoais durante as Aulas.....	59

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICES	74
ANEXO.....	79

1. INTRODUÇÃO

A inclusão de crianças com necessidades especiais na Educação Física é algo ainda recente e se configura desde sua origem quando esteve ligado às questões políticas vigentes em cada período da história do nosso país.

Bracht et al. (2003) explica que a Educação Física no Brasil esteve voltada para formar indivíduos "fortes" e "saudáveis", fatores indispensáveis no processo de desenvolvimento do país no final do século XIX e início do século XX. Sendo assim, a Educação Física deixou de lado os corpos "doentes".

De acordo com Ferreira (2004), no que se refere às políticas públicas sobre o direito a educação da pessoa com deficiência existem diversos documentos internacionais e também brasileiros que exigem da sociedade um olhar mais crítico sobre a educação da pessoa com deficiência. Os principais são: A Constituição Federal (Brasil, 1988); O Estatuto da Criança e do Adolescente — Lei n. 8069 (Brasil, 1990); A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional — Lei n. 9394 (Brasil, 1996); e o Plano Nacional de Educação — Lei n. 10172 (Brasil, 2001).

A falta de informação e conhecimentos mais precisos sobre as pessoas com deficiência causaram e ainda causam um grande problema que é a exclusão na sociedade pela não participação quer nas atividades de vida diária quer seja nas atividades sociais e recreativas. Um dos fatores limitantes é a ausência de atividades que ofereçam oportunidades de práticas esportivas e a socialização. As pessoas com deficiência sofrem danos que, muitas vezes, os impedem de participar de programas de atividades motoras regulares e necessitam de alguma forma de adequação, estas dependem da necessidade do indivíduo, ou seja, para cada pessoa existe cuidados especiais e adequação de regras, procedimentos de ensino e materiais bem como as vias de acesso (ZUCHETTO,2008).

A participação de indivíduos com diferentes deficiências em programas de Educação Física ou esportes é necessária no atendimento de suas necessidades educacionais, sociais e motoras. Cabe ao profissional de Educação Física procurar e descobrir novas possibilidades de atividades e adequações, a partir da compreensão das habilidades tanto motoras quanto cognitivas dos indivíduos (Silveira & Zuchetto, 2002). Estudos realizados por Moretto e Zuchetto (2003) evidenciaram modificações no comportamento social de indivíduos com diferentes deficiências, mostrando assim que a adequação dos programas de Educação Física tornando a prática de atividade física regular é essencial para a manutenção da saúde de todo e qualquer indivíduo.

Outro aspecto importante é aprender a gerir o tempo. É fundamental que o profissional de Educação Física consiga, através da elaboração e execução de planos de aula, manter a criança em atividade o maior período de tempo possível, otimizando assim seu desenvolvimento de forma geral. (Schmitt, 2011).

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar três sessões de atividade motora adaptada, sendo uma no solo e duas na piscina, comparando os resultados obtidos com relação à gestão do tempo, comportamento motor e necessárias adequações e o comportamento social de 12 crianças com deficiência.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar o tempo de duração, transição e tempo total das três aulas;
- Avaliar os fatores que influenciaram na gestão do tempo;
- Verificar o comportamento motor dentro de sessões no solo e na piscina, verificando as possibilidades e adequações necessárias para cada uma das crianças;
- Averiguar as relações interpessoais ocorridas nas sessões de solo e piscina, em cada atividade.

1.2 JUSTIFICATIVA

O interesse por esta pesquisa surgiu após várias intervenções que tive com crianças durante o Curso de Educação Física, tanto no ambiente escolar como no ambiente acadêmico, como no NDI (Núcleo de Desenvolvimento Infantil) e no programa AMA (Atividade Motora Adaptada). Durante o período acadêmico, sempre procurei atuar nesta área específica, ministrando aulas, elaborando planos de aula e buscando me aperfeiçoar como professor, pois tinha consciência de que precisava melhorar em alguns aspectos para que pudesse exercer essa atividade futuramente. Minha motivação em acompanhar as crianças com deficiência

aumentou a partir do momento em que, na minha família, surgiu uma criança diagnosticada com Autismo. A partir daí, passei a buscar estudos e informações a respeito do assunto, momento em que despertou a vontade em realizar um trabalho mais específico, através de observações e revisão de literatura, a respeito do comportamento social e motor destas crianças, possibilitando assim um entendimento maior de como agir junto a estas crianças.

Através da análise deste presente estudo, espero contribuir de alguma forma com o aprendizado de acadêmicos e profissionais desta área específica, possibilitando novas idéias, sugestões e estudos, buscando desta forma um melhor aproveitamento da aprendizagem destas crianças, explorando ao máximo suas possibilidades.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Pessoas com Deficiência

A denominação utilizada para se referir às pessoas com alguma limitação física, mental ou sensorial assume várias formas ao longo dos anos. Utilizavam-se expressões como ‘inválidos’, ‘incapazes’, ‘excepcionais’ e ‘pessoas deficientes’, até que a Constituição de 1988, por influência do Movimento Internacional de Pessoas com Deficiência, incorporou a expressão ‘pessoa portadora de deficiência’, que se aplica na legislação ordinária. Adota-se, hoje também, a expressão ‘pessoas com necessidades especiais’ ou ‘pessoa especial’. Todas elas demonstram uma transformação no tratamento que vai da invalidez e incapacidade à tentativa de nominar a característica peculiar da pessoa, sem estigmatizá-la. Abandona-se a expressão ‘pessoa portadora de deficiência’ com uma concordância em nível internacional, visto que as deficiências não se portam, estão com a pessoa ou na pessoa, o que tem sido motivo para que se use, mais recentemente, a forma ‘pessoa com deficiência’. Esta é a denominação internacional mais freqüente (SASSAKI, 2003).

A Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, em seu artigo 1º qualifica o deficiente como sendo qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida individual ou social, em decorrências de uma deficiência congênita ou não, em suas capacidades físicas e mentais.

2.2 Tipos de Deficiências

De acordo com Sherrill (2004), existem quatro tipos de deficiências, são elas: visual, auditiva, física e mental, e podem ser geradas por condições pré-natais, neonatais e pós-natais.

2.2.1 Deficiência Física

O Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, que regulamenta a lei nº 7.853, de 24 de dezembro de 1989, e dispõe sobre a Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, define deficiência física como sendo a caracterizada por: Alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia,

amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções.

De acordo com Souza (2004), os efeitos psicológicos da deficiência física estariam condicionados à própria concepção sobre a deficiência, à estrutura e à estabilidade emocional da pessoa, ao grau e à abrangência do comprometimento, à concepção e ao posicionamento da família e da sociedade (escola, vizinhança, amigos) em relação à deficiência, à aparência física ou a visibilidade do comprometimento, ao grau de independência ou de dependência, à capacidade de tomar decisões etc.

A seguir são apresentadas as principais deficiências físicas, conforme Castelli e Fontes (2006) e Conde, Sobrinho e Senatore (2006):

- **Hemiplegia ou Hemiparesia:** Paralisia em uma metade do corpo (hemicorpo), comprometimento de membros superiores e inferiores do mesmo lado do corpo (mais comum entre os que apresentam paralisia cerebral);
- **Monoplegia ou Monoparesia:** Paralisia em uma extremidade do corpo, com comprometimento de apenas um membro;
- **Diplegia ou Diparesia (Paraplegia):** A diplegia ou diparesia referem-se ao comprometimento de dois membros iguais. Quando é dos membros inferiores, que compromete parcialmente também o tronco, as pernas se tocam na região dos joelhos ou se cruzam. Há flexão permanente dos quadris, além dos joelhos. Os pés apresentam flexão plantar (pé equino);
- **Triplegia ou Triparesia:** Paralisia em três extremidades do corpo; comprometimento de três membros, algumas vezes chamado de quadriplegia assimétrica. É uma manifestação mais rara;
- **Quadriplegia:** Refere-se ao comprometimento espástico dos quatro membros do indivíduo;
- **Amputação ou ausência de membro:** A amputação é a perda total ou parcial de um determinado membro ou segmento de membro.

Paralisia Cerebral

O termo Paralisia Cerebral (PC) é um grupo de sintomas incapacitantes permanentes, resultantes de dano às áreas do cérebro responsáveis pelo controle motor. É um problema não-progressivo que pode ter origem antes, durante, ou logo após o nascimento e se manifesta na perda ou no comprometimento do controle sobre a musculatura voluntária. (WINNICK, 2004).

Ao contrário do que o termo sugere, “paralisia cerebral” não significa que o cérebro ficou paralisado. O que acontece é que ele não comanda corretamente os movimentos do corpo. Não manda ordens adequadas para os músculos, em consequência da lesão sofrida (GODÓI, 2006).

Na criança com paralisia cerebral deve-se perceber como dificuldades típicas as seguintes características: alterações no desempenho motor ao andar, ao usar as mãos para comer, ao escrever, ao se equilibrar, ao falar, ao olhar ou qualquer outra atividade que exija controle do corpo e coordenação motora adequada, assim como comprometimentos das funções neurovegetativas (sucção, mastigação e deglutição) (GODÓI, 2006).

Ainda segundo Godói (2006), além das dificuldades motoras, essas crianças podem apresentar deficiências sensoriais e intelectuais, ou seja, dificuldades para ver, ouvir, assim como para perceber as formas e texturas dos objetos com as mãos. Pode ainda estar afetada a noção de distância, direita e esquerda e de espaço. Daí a dificuldade do desenvolvimento da criança já que acredita-se que a criança se desenvolve através do brincar. Por isso a importância de propiciar os momentos do brincar tornando-o facilitador para essas crianças, interagindo com elas como sendo parte ou extensão do seu próprio corpo. É o fazer com ela e não o fazer por ela.

2.2.2 Deficiência Intelectual

Deficiência intelectual é caracterizada por limitações significativas no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, como expresso nas habilidades práticas, sociais e conceituais, originando-se antes dos dezoito anos de idade (LUCKASSON, 2002).

A deficiência intelectual é considerada condição deficitária que envolve habilidades intelectuais; comportamento adaptativo conceitual, prático e social; participação comunitária; interações e papéis sociais; condições etiológicas e de saúde; aspectos contextuais, ambientais, culturais e as oportunidades de vida do sujeito (CARVALHO; MACIEL, 2003).

As crianças com deficiência intelectual apresentam nível de habilidade motora fundamental atrasado para sua idade cronológica. Quanto mais elevado é o grau de

deficiência, maior é o atraso no desenvolvimento das habilidades motoras (SHERRILL; WINNICK, 2004). Estudos revelam que pessoas com deficiência mental apresentam níveis de condicionamento físico inferiores aos de pessoas sem deficiência. Esses baixos níveis podem dificultar a realização de suas tarefas da vida diária, o que leva também a uma redução da sua capacidade produtiva muito cedo. Os autores acreditam que esse nível de condicionamento físico inferior pode ser devido ao estilo de vida e à falta de estímulos a essa população (NUNES; GODOY; BARROS, 2003).

De acordo com França e Zuchetto (2004) a participação de crianças com deficiência intelectual em atividades extracurriculares é muito importante, trazendo benefícios sociais e motores.

Síndrome de Down

A síndrome de Down é um defeito congênito resultante da trissomia do cromossomo 21, que pode ocorrer tanto antes quanto após a formação da célula inicial. Conhecida também como trissomia do cromossomo humano 21, ela pode variar quanto à intensidade e manifestação de fenótipos característicos à síndrome, podendo inclusive, não haver manifestação do mesmo, ou seja, o indivíduo ser portador de trissomia parcial e não manifestar suas principais características físicas (STRATFORD, 1997).

Além do comprometimento intelectual, outros problemas de saúde podem ocorrer no portador dessa síndrome: cardiopatia congênita (50%); hipotonia (100%); problemas de audição (50-70%); de visão (15-50%); alterações na coluna cervical (1-10%); distúrbios da tireóide (15%); problemas neurológicos (5-10%); obesidade e envelhecimento precoce (COOLEY; GRAHAM, 1991).

A síndrome de Down é resultante de uma entre três anormalidades cromossômicas, segundo Stray-Gundersen (2007):

- Trissomia do par 21: Caracteriza-se por apresentar indivíduos com 47 cromossomos em algumas ou todas as células do corpo. Essa anomalia ocorre devido à existência de um cromossomo a mais no par 21 (trissomia), no momento da fecundação;
- Translocação: é a transferência de parte de um cromossomo para um cromossomo não homólogo. O processo requer a quebra de ambos os cromossomos, com reconstituição em uma disposição anormal. Muitas vezes, mas nem sempre, as translocações são recíprocas;

- Mosaicismo: Estes apresentam dois tipos de células, um com número normal de cromossomos (46) e outro com 47 cromossomos devido à trissomia do cromossomo 21. A causa principal do mosaicismo é a não disjunção do cromossomo 21 durante o processo da mitose (divisão das células somáticas) no embrião.

Segundo Krebs (2004), as crianças portadoras de Síndrome de Down apresentam algumas características marcantes: Baixa estatura, boca pequena, lábios finos, dificuldades de percepção, falta de equilíbrio, hipermobilidade das articulações, hipotonia, línguas protusa e fissurada, obesidade de leve a moderada, pernas e braços curtos em relação ao dorso, pescoço curto, sistema respiratório e cardiovascular subdesenvolvidos, visão e audição limitadas.

Em estudo realizado por França e Zuchetto (2004) ficou evidente que a atividade motora tem fundamental importância com relação aos aspectos sociais de crianças com síndrome de Down. É importante uma intervenção individualizada realizada por profissional capacitado, que deverá ter serenidade para respeitar o processo de aprendizagem de cada criança pela qual está responsável.

Autismo

O autismo é uma deficiência difusa que afeta o desenvolvimento e se manifesta antes dos três anos de idade, persiste por toda a vida e é caracterizada por atrasos significativos, tanto na linguagem como no desenvolvimento social. Indivíduos portadores de autismo variam em termos de inteligência, desde agudamente retardados até acima da média, embora a maioria possua algum grau de retardo. (GALLAHUE, 2008).

Segundo Gauderer (1992), os sintomas do autismo são causados por disfunções físicas do cérebro, verificados por anamnese ou presentes em exame, e incluem distúrbios no ritmo de aparecimentos de habilidades físicas, sociais e lingüísticas; reações anormais às sensações, onde as áreas mais afetadas são a visão, audição, dor, tato, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo; Fala e linguagem ausentes ou atrasados, apresentando ritmo imaturo da fala e restrita compreensão de idéias, e também uso de palavras sem associação com significado; e por fim, Relacionamento anormal com os objetos, eventos e pessoas, onde as respostas não são apropriadas a adultos ou crianças, onde objetos e brinquedos não são usados de maneira devida.

2.2.3 Deficiência Visual

De acordo com Amaral (1996), deficiência refere-se a uma perda ou anormalidade de estrutura ou função; incapacidade, à restrição de atividades em decorrência de uma deficiência; e desvantagem, à condição social de prejuízo resultante de deficiência e/ou incapacidade.

Segundo o texto da ACSM (American College of Sports Medicine) (1997) citado por Fugita (2002) a cegueira pode ser definida como:

- **Cegueira por acuidade:** significa possuir visão de 20/200 pés ou inferior, com a melhor correção (uso de óculos). É a habilidade de ver em 20 pés ou 6,096 metros, o que o olho normal vê em 200 pés ou 60,96 metros (ou seja, 1/10 ou menos que a visão normal), onde 1 pé = 30,48 cm;
- **Cegueira por campo visual:** significa ter um campo visual menor do que 10° de visão central - ter uma visão de túnel;
- **Cegueira total ou "não percepção de luz":** é a ausência de percepção visual ou a incapacidade de reconhecer uma luz intensa exposta diretamente no olho.

Segundo Figueira (1996), em geral, a criança com deficiência visual não tem motivação para descobrir o mundo externo, tendo limitações na quantidade de variedade de experiências, na mobilidade e domínio de espaço, o que resulta em prejuízo para seu desenvolvimento, uma vez que este ocorre por meio de vivências. A criança que nasceu cega está ameaçada por um grande retardamento psicomotor e oferecer uma atividade que conduza a descoberta de seu esquema corporal e do ambiente em que vive é a melhor forma de remediar esse comprometimento (Souza et al, 2005).

Figueira (1996) reforça a necessidade de dar oportunidades para as crianças com deficiência visual de vivenciar de maneira total as formas de inteligência de maneira ampla e generalizada a fim de que não somente compreendam conhecimentos verbais e táteis dos objetos, mas saibam a sua posição no espaço e no tempo, ampliando suas realizações com outras crianças, seres e objetos. Tais experiências devem ter o objetivo de proporcionar maior mobilidade e orientação para essas crianças, a fim de lhes proporcionar maior independência em suas ações, dando possibilidades de explorar suas capacidades que muitas vezes estão num processo de supressão pela entrega à deficiência.

De acordo com Lima e Zuchetto (2003), atividades rítmicas e danças contribuem para o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo do deficiente visual, melhorando sua postura e locomoção, proporcionando diminuição dos maneirismos.

2.2.4 Deficiência Auditiva

A surdez consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons. Verifica-se a existência de vários tipos de pessoas com surdez, de acordo com os diferentes graus de perda da audição. Sob o aspecto da interferência na aquisição da linguagem e da fala, o déficit auditivo pode ser definido como perda média em decibéis, na zona conversacional (frequência de 500– 1000 – 2000 hertz) para o melhor ouvido (LIMA, 2006).

A história da educação do surdo é marcada por correntes filosóficas distintas, que devem ser bem compreendidas em seu momento histórico de forma a contribuir para a construção de uma proposta bilíngüe. A partir dessas contribuições, pode-se chegar a um consenso acerca da importância de uma proposta educacional que permita às crianças surdas a aquisição/aprendizado de duas línguas: a língua brasileira de sinais (LIBRAS) e a língua portuguesa, em sua modalidade oral e escrita (LIMA, 2006).

Ainda segundo Lima (2006), várias pesquisas já comprovaram que crianças surdas procuram criar e desenvolver alguma forma de linguagem, mesmo não sendo expostas a nenhuma língua de sinais. Essas crianças desenvolvem espontaneamente um sistema de gesticulação manual que tem semelhança com outros sistemas desenvolvidos por outros surdos que nunca tiveram contato entre si e com as línguas de sinais já conhecidas.

2.3 A Educação Física Adaptada e sua Importância

A Educação Física Adaptada é, segundo Rosadas (1994), uma área do conhecimento em educação física e esportes que tem por objetivo privilegiar uma população caracterizada como portadora de deficiência ou de necessidades especiais, e desenvolve-se através de atividades psicomotoras, esporte pedagógico, recreação e lazer especial, e técnicas de orientação e locomoção.

Segundo Pitanga (2004) nos últimos anos percebem-se as vantagens e a importância da atividade física na vida do ser humano, apesar dessa importância sempre ter existido, apenas não tinha o reconhecimento que merecia. Pois a mesma vem proporcionando melhores condições de vida, reduzindo a incidência de doenças crônico-degenerativas e recuperando a massa muscular no caso dos deficientes que possuam alguma doença degenerativa muscular.

Através de atividades lúdicas e de jogos esportivos adaptados às condições específicas de cada grupo, durante a realização das atividades de lazer, de recreação e de esporte com estas pessoas, sejam estas aquáticas ou terrestres, é importante explorar as possibilidades

existentes, trabalhar suas potencialidades, trabalhar na sua autovalorização e auto-estima e reconhecer suas limitações (SILVA, 1998).

As atividades proporcionadas pela Educação Física Adaptada devem oferecer atendimento especializado aos alunos com necessidades especiais, respeitando as diferenças individuais, visando proporcionar o desenvolvimento global dessas pessoas, tornando possível não só o reconhecimento de suas potencialidades, como também, sua integração na sociedade. (DUARTE; LIMA 2003).

Percebe-se a importância do respeito à individualidade da criança com deficiência. O que é reafirmado por Rosadas (1989), onde o autor diz que A Educação Física Adaptada deve ensinar os alunos a fazer mudanças dentro de si, e, para conseguir isso, deve-se respeitar a individualidade de cada um, respeitar suas diferenças e limitações, trabalhar suas potencialidades, nunca subestimá-los, vibrar com suas conquistas, motivá-los a dar novos passos e oferecer oportunidade para que eles possam desfrutar da alegria proporcionada pela prática recreativa e esportiva.

2.4 Importância para o Desenvolvimento Social

De acordo com Rosadas (1991), ser alegre, motivar e sociabilizar são algumas características afetivo-sociais importantes em uma aula de Educação Física Adaptada, promovendo integração, ajustamento, interesse e participação do aluno.

Ainda segundo o autor, a criança com deficiência é carente socialmente, e traz consigo uma série de “nãos” que lhe são impostos no dia-a-dia. Ficam nele retidas as capacidades de pensar, sentir e agir. É preciso dar a esse tipo de indivíduo plenas capacidades de desenvolver suas potencialidades criativas e espontâneas.

Carvalho (1997) salientou que a inclusão é um “processo” e, como tal, “deve ser paulatinamente conquistada”, trata-se de uma mudança de paradigma numa cultura que não está acostumada a conviver com o seu membro “diferente”.

Capellini & Rodrigues (2009) distinguiram duas dimensões da inclusão: a essencial e a eletiva, sendo que a inclusão essencial é aquela que garante a todos os cidadãos o acesso e a participação, sem discriminação, à educação, à saúde, ao emprego, ao lazer, à cultura etc. O perigo dessa dimensão, é que autoriza a sociedade a atribuir lugares fixos onde determinados grupos de risco teriam acesso aos serviços de que necessitam.

A inclusão, enquanto eletiva, deveria assegurar a qualquer cidadão, o direito de se relacionar e usar os serviços que bem entende em função de seus interesses, no entanto essas

duas dimensões da inclusão são complementares: a essencial é base para a eletiva (CAPELLINI; RODRIGUES, 2009).

2.5 Adequações do Comportamento Motor

De acordo com Brasil (2002), as crianças com deficiência física, independente das limitações impostas pela deficiência, tanto quanto o seu comprometimento, podem desenvolver inúmeras potencialidades, que muitas vezes não se desenvolvem por absoluta falta de compreensão das suas capacidades, de experiências e/ou de estímulo e/ou adequações da prática de alguma atividade física.

A Educação Física Adaptada tem como objetivos o estudo e a intervenção profissional no universo das pessoas que apresentam diferentes e peculiares condições para a prática das atividades físicas. Seu foco é o desenvolvimento da cultura corporal de movimento. Atividades como ginástica, jogos, dança e esportes, conteúdos de qualquer programa de atividade física, devem ser considerados tendo em vista o potencial de desenvolvimento pessoal (e não a deficiência em si). É importante focalizar o desenvolvimento das habilidades, selecionando atividades apropriadas, providenciando um ambiente favorável à aprendizagem encorajando a auto-superação, a todos os participantes da Educação Física Adaptada. (GORGATTI; COSTA, 2005).

Gallahue e Ozmun (2005) definem o aprendizado como um processo interno que produz alterações consistentes no comportamento individual em decorrência da interação da experiência, da educação e do treinamento com processos biológicos. Sua construção tem fortes vínculos com o estado de desenvolvimento de um indivíduo, relacionando-se diretamente com a prática, ou seja, o aprendizado é um fenômeno no qual a experiência é pré-requisito, e o desenvolvimento, em oposição, é um processo que pode ocorrer independentemente da experiência.

Seguindo esse contexto, Mello (2005) constata que a Educação Física Adaptada, não só recebe alunos com necessidades especiais, mas também os atende nas suas especificidades, com recursos, com serviços e com currículos apropriados para garantir a sua aprendizagem. É de responsabilidade, pois, da Educação Física organizar-se e adaptar-se para trabalhar com a diversidade, com a diferença, por isso mesmo optando por práticas pedagógicas distintas das convencionais.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização do Estudo

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa-descritiva, do tipo estudo de caso.

De acordo com Da Silva & Menezes (2001) uma pesquisa descritiva visa descrever características de determinada população ou fenômeno de relações entre variáveis, envolvendo o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados como questionário e observação sistemática, assumindo assim, a forma de levantamento. Já quanto à pesquisa qualitativa, os autores consideram que há uma dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do grupo que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

A pesquisa qualitativa possui cinco características fundamentais: a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; a investigação qualitativa é predominantemente descritiva; há um interesse maior pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos; os pesquisadores tendem a analisar seus dados intuitivamente; o significado é a preocupação essencial. (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

3.1.1 Contexto do Estudo

O programa Atividade Motora Adaptada - AMA, contexto do estudo, é oferecido pelo Departamento de Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, gratuitamente, desde março de 1995. Esse programa foi criado para atender às necessidades de um aprofundamento em Educação Física Especial, do curso de Educação Física oferecido pelo CDS/UFSC. Em toda sua trajetória procurou se fundamentar na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, um dos pilares da Universidade. (ZUCHETTO, 2008).

É um programa dedicado à formação de profissionais para o trabalho com população especial e dedicado à pesquisa e extensão. O programa tem como objetivo: oferecer atividades motoras adaptadas (de dança, recreação, esportes e atividades na água) a pessoas com

deficiências visuais, mentais, físicas e auditivas (extensão); oportunizar vivências práticas aos alunos do Centro de Desportos, com esta população (ensino/formação); estimular processos de educação continuada; desenvolver pesquisas na área de atividade motora adaptada (pesquisa) e; elaborar material didático.

As atividades ocorrem em dois encontros semanais, com uma média de duração de duas horas, sendo uma no solo e uma na piscina, no período matutino e vespertino. Neste programa atuam e realizam estudos os alunos do Curso de Educação Física e áreas afins (ZUCHETTO,2008).

3.2 Participantes da Pesquisa

Estiveram presentes nas aulas analisadas 12 crianças, de 3 a 13 anos, todas elas participantes do programa AMA 2011.1. Apresentavam deficiências física, mental, visual, auditiva e Síndrome do espectro Autista.

A tabela a seguir caracteriza as crianças presentes no estudo quanto ao gênero, nascimento, idade, tipo de deficiência e comprometimento. Não foram utilizados os nomes das crianças na descrição dos dados, respeitando assim a identidade das mesmas.

Tabela 1 – Caracterização dos participantes

Criança	Gênero	Nascimento	Idade	Deficiência	Comprometimento
C1	Masculino	08/1998	12	Física – PC / Auditiva	Triparesia
C2	Masculino	01/2007	04	Autismo	
C3	Feminino	06/2008	03	Autismo	
C4	Masculino	10/2001	09	Intelectual - TDAH	
C5	Masculino	11/2005	05	Visual	
C6	Masculino	09/2003	07	Auditiva	
C7	Masculino	01/2003	08	Física - Paralisia Cerebral	
C8	Feminino	05/2004	07	Física – Paralisia Cerebral	Paraparesia
C9	Feminino	09/2006	04	Visual	
C10	Masculino	08/1997	13	Física - Paralisia Cerebral	
C11	Masculino	08/2002	08	Física - Paralisia Cerebral	Quadriparesia
C12	Masculino	08/2002	08	Intelectual - Síndrome de Down	

3.3 Coleta de Dados

Os dados coletados e arquivados consistiram em filmagens das aulas, transcrição do ocorrido e notas de campo.

Para analisar o tempo nas atividades motoras adaptadas, utilizou-se a Matriz do Tempo de Engajamento na aula (ZUCHETTO, 2001). O objetivo da matriz é: Verificar o tempo total de aula, o tempo atribuído para as atividades e o tempo de transição.

O comportamento motor foi analisado a partir dessa matriz, analisando as facilidades, dificuldades e adequações. A matriz compõe-se de 12 categorias (ZUCHETTO, 2001).

Para analisar o comportamento social, utilizou-se o SOCIOGRAMA – a partir da matriz de análise (ZUCHETTO, 2001). É apresentado um quadro contendo todas as interações que envolvem o aluno observado, tanto com os demais alunos como adultos.

Para realizar a filmagem das aulas foi utilizada uma filmadora marca Sony, modelo HDRCX7 AUCHD 1081.

3.3.1 Filmagem das aulas

Para a coleta dos dados, um dos métodos utilizados foi a videografia. Consiste em registrar e sistematizar como ocorreram as atividades em cada ambiente, ampliando a capacidade de análise das informações coletadas.

O equipamento de filmagem constou de tripé e câmera, fazendo parte do ambiente. O mesmo não interfere no comportamento das crianças, tendo em vista que as mesmas estão acostumadas a esse procedimento, pois já participam do programa AMA.

3.4 Análise dos Dados

Os dados foram analisados de forma descritiva, utilizando-se de uma abordagem qualitativa. Já o tratamento dos dados foi baseado no processo de análise de conteúdo, através das imagens feitas durante as aulas (Filmagem).

3.5 Procedimentos Éticos

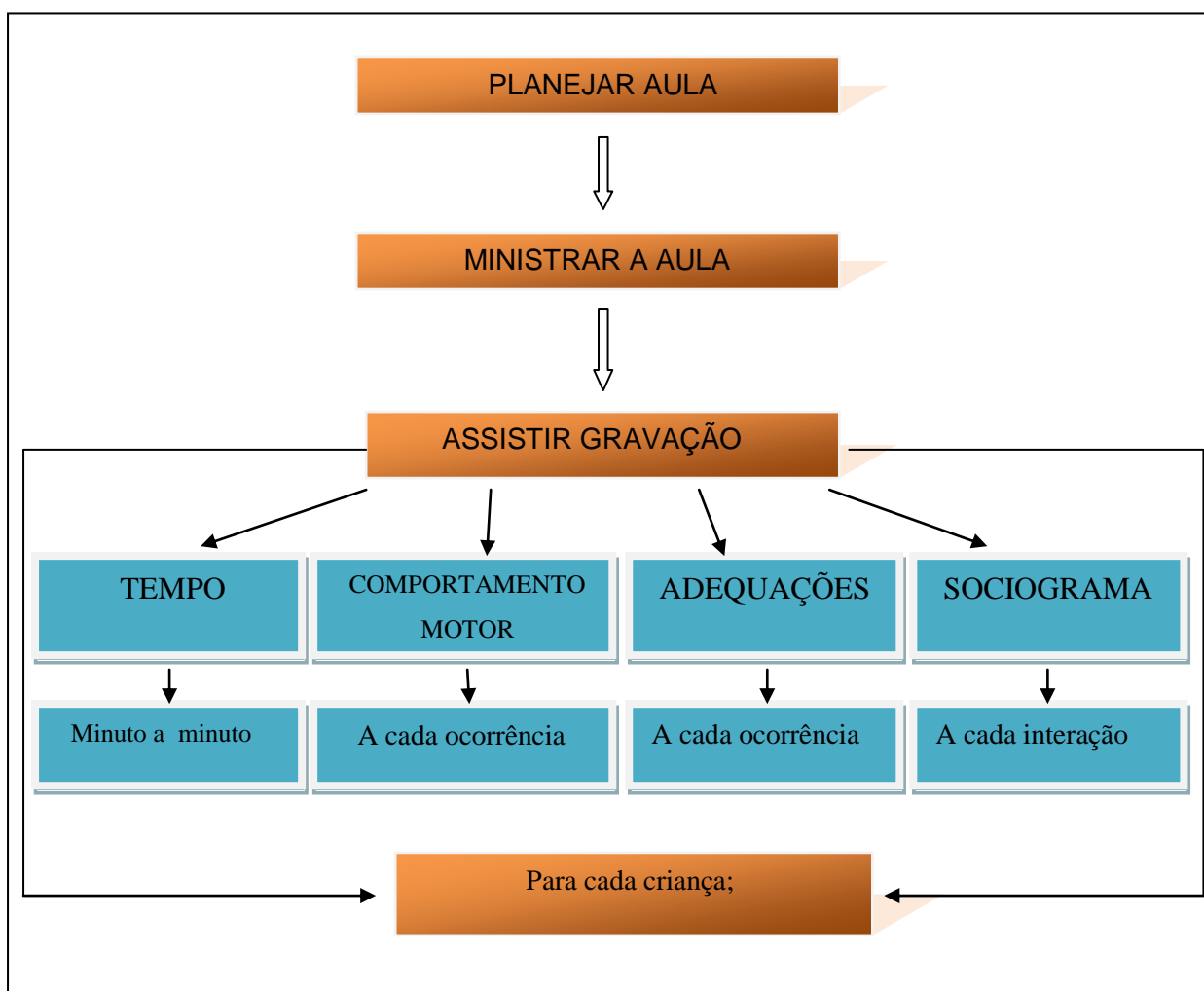
Nesta pesquisa participaram crianças do programa AMA – Atividade motora adaptada. Sendo assim, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa de Seres Humanos (CEPSH) da Pró-reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o nº

911/2010, estando de acordo com os princípios éticos estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.

3.6 Procedimentos na Coleta de Dados

Durante o primeiro semestre de 2011 foram ministradas ao todo 50 aulas no projeto AMA, sendo 25 aulas na piscina e 25 aulas no solo. Foram selecionadas 3 aulas para análise no presente estudo, sendo duas delas na piscina (quadros 2 e 4) e uma no solo (quadro 3). Como critério na escolha, optei por aulas ministradas por mim, autor do estudo.

Figura 1 – Organograma dos procedimentos e coleta de dados



Os quadros a seguir mostram a temática das aulas, trazendo dados como a proporção acadêmico/criança e a seqüência de atividades que foram realizadas durante cada uma das três aulas analisadas.

Quadro 1: Características das aulas.

Tema da aula	Quantidade de alunos	Quantidade de acadêmicos	Proporção acadêmicos/crianças	Local da aula
Atividades rítmicas	11	11	1	Piscina I
Autocontrole	7	8	1,14	Solo
Atividades Pré-Esportistas	9	10	1,11	Piscina II

Quadro 2: Atividades da Aula Piscina I.

Tema da Aula	Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3
Atividades Rítmicas	Bate-Pernas com Espaguete	Nunca 4	Guerra de Bolinhas
Atividade 4	Atividade 5	Atividade 6	Atividade 7
Bolinhas no Cesto	Batata-Quente	Pula Macaquinho	Sai Tainha

Quadro 3: Atividades da Aula Solo.

Tema da Aula	Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3	Atividade 4
Autocontrole	Estouro da Manada!	Passando a montanha	Circuito	Música dos animais

Quadro 4: Atividades da Aula Piscina II.

Tema da Aula	Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3	Atividade 4	Atividade 5
Atividades pré-esportistas	Dança do Espaguete	Pega Corrente	Pega Balão	Corrida dos tapetes	Sai, sai tainha

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados encontrados neste estudo. Primeiramente será apresentado o Tempo utilizado durante a atividade realizada; em seguida será abordado o comportamento motor de cada criança objeto desta pesquisa e as necessárias adequações para a inserção nas atividades; e, por fim, a apresentação dos resultados referentes ao comportamento social de cada criança, através de suas relações interpessoais, tanto entre elas como também com os acadêmicos que participavam das atividades analisadas.

4.1 O Tempo das aulas

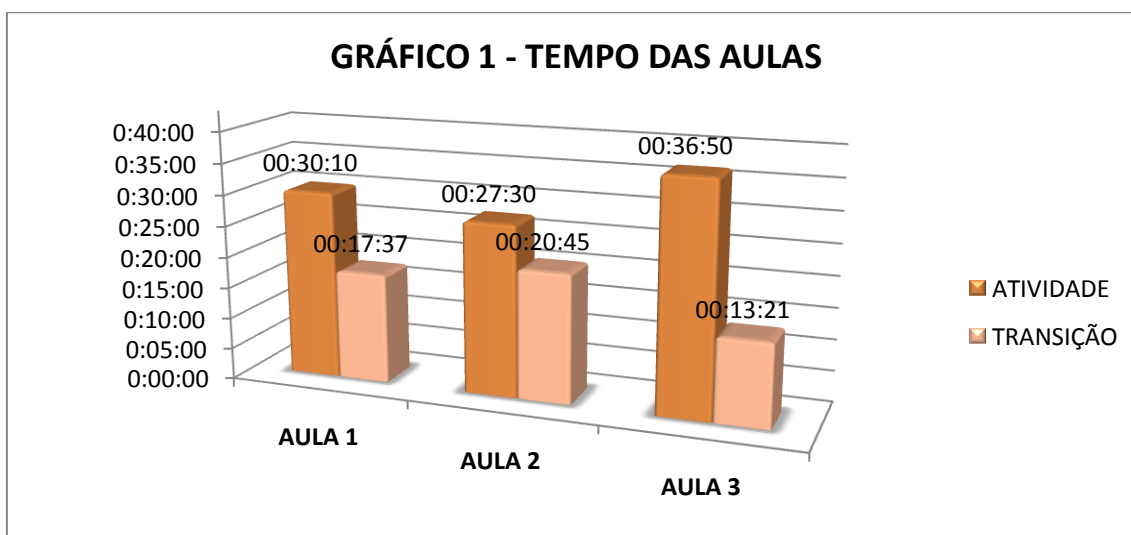
As aulas analisadas neste estudo tiveram durações de tempo diferentes, porém bem próximas uma das outras. O tempo da aula é contado a partir do momento em que a câmera é acionada.

Serão apresentados os tempos de transição, de duração de cada atividade e o tempo total de aula, segundo Richardson (1997) adaptado por Silva (2004).

O tempo de transição é a duração do tempo em que não há atividade. Por exemplo, a chegada das crianças, organização, explicação e demonstração das atividades, mudanças de atividades e o final da aula, quando encerra a aula e as crianças se despedem.

O tempo de duração de cada atividade se refere ao minuto em que a atividade realmente começou e terminou, a partir do sinal do ministrante, logo após encerrar a explicação (transição).

Estes dados estão apresentados no gráfico 1, que segue:



Na aula 1 o tempo de transição foi de 17 minutos e 37 segundos, onde a primeira atividade iniciou somente aos oito minutos e 18 segundos, sendo este tempo a maior transição registrada na aula. A primeira atividade foi a “Bate pernas com espaguete”, que durou cinco minutos e 18 segundos. Sua transição para a atividade 2 foi de um minuto e nove segundos, onde iniciou-se a brincadeira “Nunca 4”. Essa atividade permaneceu por quatro minutos e 17 segundos, tempo suficiente para que cada uma das crianças exercessem, pelo menos uma vez, o papel de “pegador” dentro da brincadeira. Sua transição para a atividade 3 foi a maior entre as atividades, levando três minutos e 33 segundos, devido a inclusão de materiais na atividade.

Já a atividade 3 foi a “Guerra de Bolinhas”, que durou quatro minutos e 29 segundos. Sua transição para a próxima atividade levou dois minutos e 11 segundos. A atividade 4 fez as crianças recolherem as bolinhas e levarem elas até o cesto. Foi utilizado cinco minutos e sete segundos até o fim desta tarefa. A transição para a atividade 5 foi de um minuto e 58 segundos. A próxima brincadeira era a “Batata-Quente”, e ela foi a atividade de maior duração. Levou oito minutos e 35 segundos até o seu término. Foi também a atividade que mais interagiu a turma, fazendo com que todos participassem, justificando assim o fato de ter sido ministrada por mais tempo. Sua transição para a atividade 6 foi de vinte segundos.

A atividade 6 foi a música “Pula Macaquinho”, que durou apenas 58 segundos. Sua transição para a próxima e última atividade foi de oito segundos, pois esta também era uma música. Esta atividade durou um minuto e 26 segundos, finalizando a aula da piscina, que teve como tempo total de aula ao todo 47 minutos e 47 segundos.

Já a aula 2 teve um tempo total de 48 minutos e 15 segundos. Nessa aula praticada no solo o tempo de transição superou o da aula 1, realizada na piscina, totalizando 20 minutos e 45 segundos de transição. O tempo de transição entre as atividades da aula 2 foi consideravelmente maior, tendo em média cinco minutos de uma atividade para a outra. A primeira atividade começou somente com cinco minutos e 47 segundos de aula. Essa brincadeira foi a “Estouro da Manada!”, que durou sete minutos e 16 segundos. Sua transição foi de cinco minutos e 39 segundos, até iniciar a atividade 2.

A atividade “Subindo a montanha” durou cinco minutos e 57 segundos, e sua transição foi de quatro minutos e 37 segundos. Já a terceira atividade foi a que mais tempo durou nesta aula. O “Circuito” levou 11 minutos e 25 segundos até o término. Tratava-se de uma atividade grande, e que demandaria conseqüentemente mais tempo que as demais. Sua transição para a quarta e última atividade foi de quatro minutos e 38 segundos. A atividade 4 era a “Música dos animais”, que durou dois minutos e 53 segundos, sendo assim a brincadeira que levou menos tempo até acabar.

A aula 3 assim como a aula 1 foi realizada na piscina, e teve seu tempo total de aula de 50 minutos e 11 segundos. Seu tempo total de transição foi 13 minutos e 21 segundos.

A primeira atividade foi a “Dança do Espaguete” que iniciou somente com oito minutos e 31 segundos de aula. Foi a maior atividade desta terceira aula, totalizando 12 minutos e 29 segundos de atividade. Sua transição para a atividade 2 foi de um minuto e 28 segundos.

A atividade 2 foi o “Pique-Corrente”. Durou sete minutos e 12 segundos, e do seu término até o início da atividade 3 o tempo foi de 54 segundos. Já a terceira atividade foi o “Pega-Balão”, onde essa brincadeira levou sete minutos e três segundos até o término. Sua transição para a atividade 4 foi de um minuto e 41 segundos.

A quarta atividade foi a “Corrida dos Tapetes”. Ela levou ao todo oito minutos e seis segundos, e sua transição para a quinta e última atividade foi a mais baixa, levando apenas 11 segundos para o início da atividade “Sai tainha”, que levou exatamente dois minutos até o seu término, finalizando a aula 3

Portanto, comparando as três aulas concluímos que o tempo de atividade foi maior na Aula 3, totalizando 36 minutos e 50 segundos, enquanto o menor foi o da aula 2, com apenas 27 minutos e 30 segundos de duração.

4.2 O Comportamento motor e suas adequações

Foram analisadas cada uma das 12 crianças presentes no estudo no decorrer das atividades. Ao todo, foram 16 atividades distintas, em 3 diferentes aulas. Cada uma dessas crianças será denominada como “C” e um respectivo número, a fim de preservar suas identidades.

Para realizar essa análise foram utilizadas as 12 categorias existentes na Matriz de Análise do Comportamento Motor (ZUCHETTO, 2001).

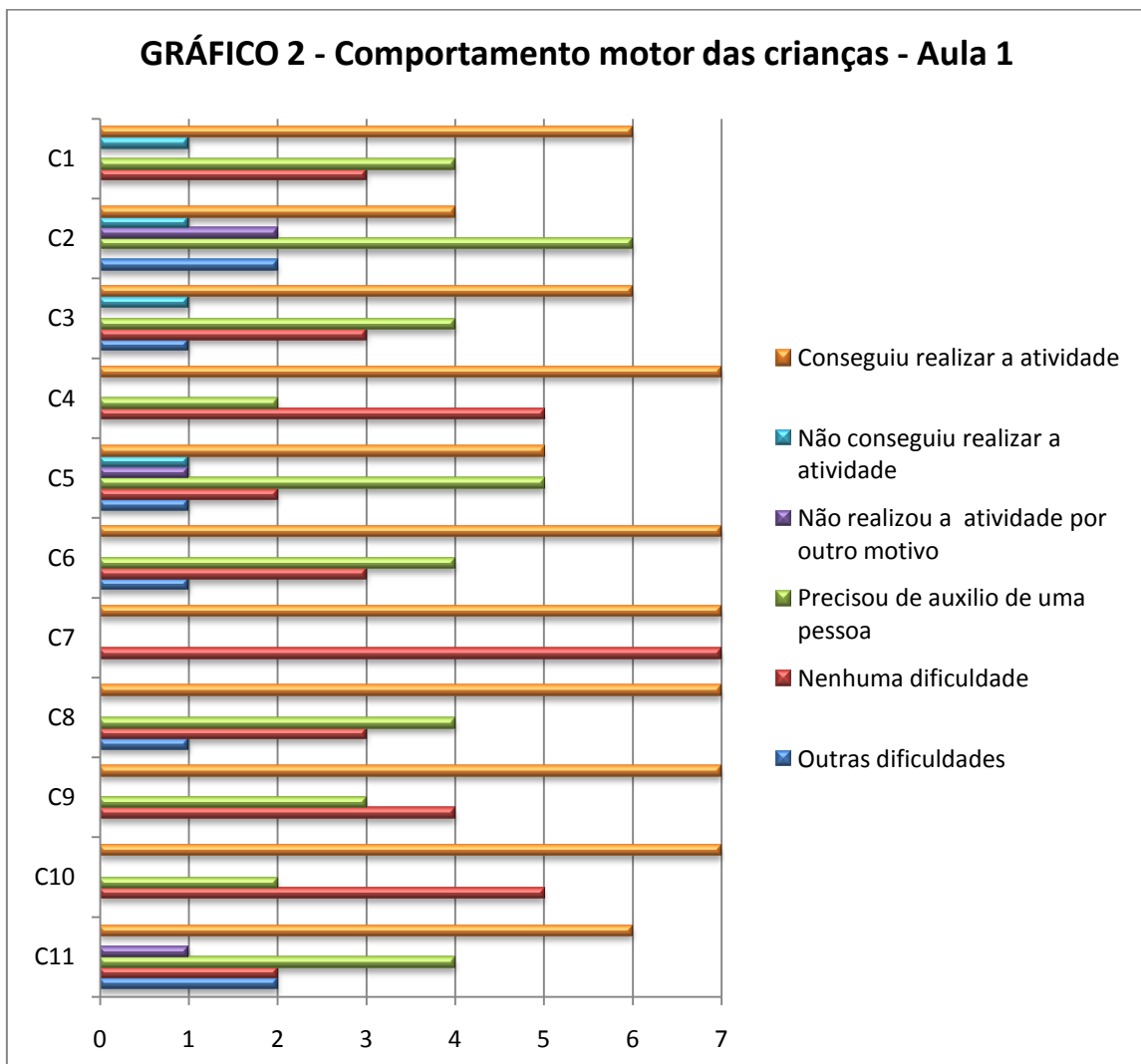
São as seguintes:

1. Conseguiu realizar a atividade;
2. Não conseguiu realizar a atividade;
3. Não realizou a atividade por outro motivo;
4. Precisou de auxílio de uma pessoa;
5. Precisou de auxílio de um objeto;
6. Dificuldade em manter-se em pé sem apoio;
7. Dificuldade de equilíbrio;

8. Dificuldade em sentar-se e levantar-se;
9. Dificuldade em caminhar;
10. Dificuldade em saltar;
11. Nenhuma dificuldade e;
12. Outras dificuldades.

Através da observação dessas categorias durante as 16 atividades, foi possível identificar as possibilidades e as necessárias adequações para cada uma das 12 crianças presentes nas aulas.

A seguir encontram-se os gráficos de cada uma das 3 aulas analisadas, ilustrando as categorias observadas em cada uma delas e os resultados de cada criança.



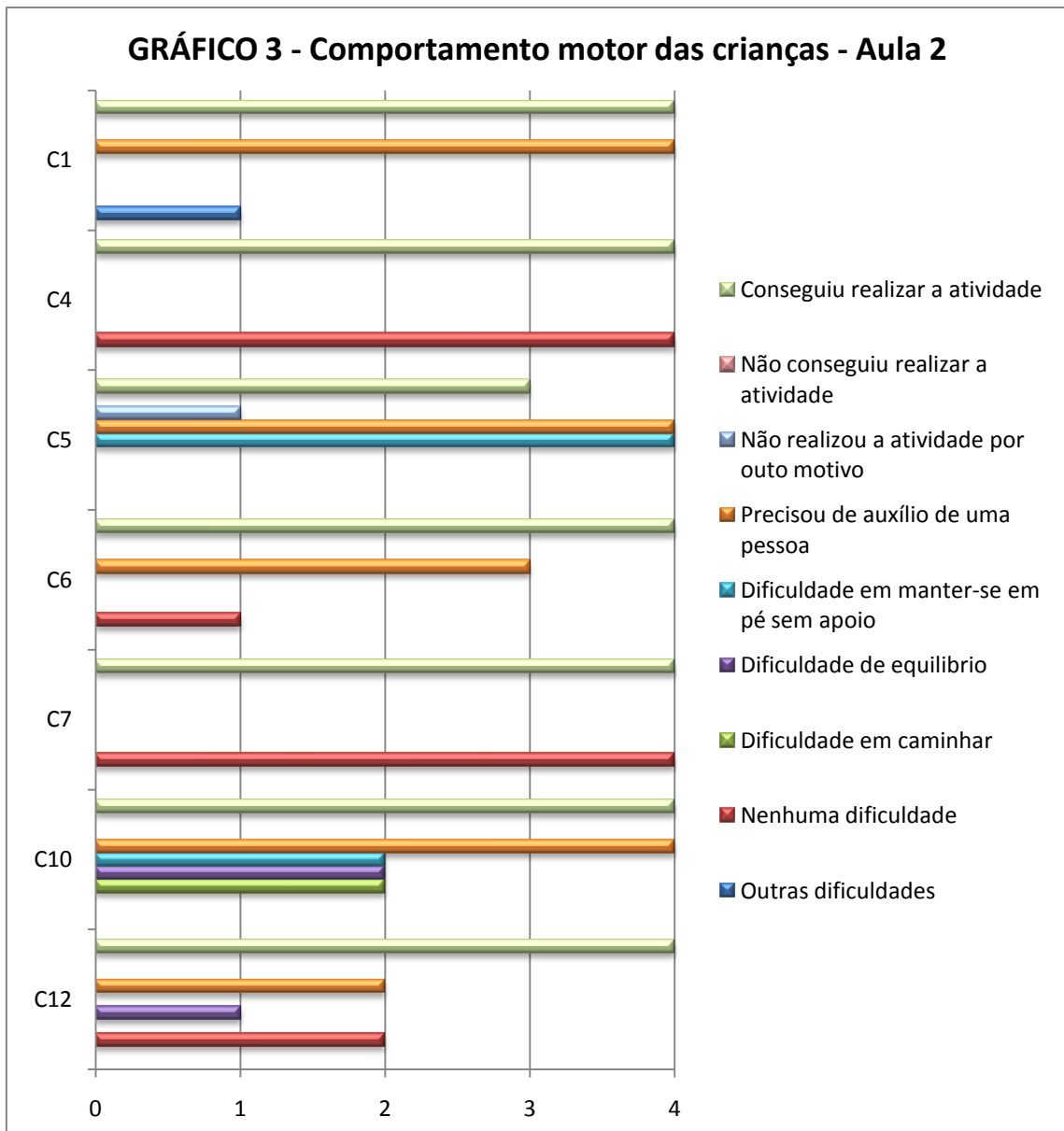
Nesta aula foram realizadas ao todo 7 atividades. Das 12 categorias existentes para análise, foram observadas seis, pois as demais categorias não puderam ser avaliadas em uma aula realizada na piscina. São elas: “Precisou de auxílio de um objeto”, “Dificuldade em manter-se em pé sem apoio”, “Dificuldade de equilíbrio”, Dificuldade em sentar-se e levantar-se”, “Dificuldade em caminhar” e “Dificuldade em saltar”. Observa-se que das 11 crianças presentes, seis delas conseguiram realizar todas as atividades. Outras três crianças conseguiram realizar seis atividades, enquanto uma criança realizou cinco atividades e outra apenas quatro atividades.

As crianças C4, C6, C7, C8, C9 e C10 realizaram todas as atividades propostas. C4 e C10 apresentaram dificuldades somente em duas delas, enquanto a criança C9 apresentou dificuldade em três atividades. Já as crianças C6 e C8 encontraram dificuldade em quatro oportunidades diferentes. A criança C7 foi a única que conseguiu realizar todas as atividades sem apresentar nenhum tipo de dificuldade, apresentando um comportamento motor igual da primeira até a última atividade.

As crianças C1, C3 e C11 conseguiram realizar 6 das 7 atividades. As crianças C1e C3 precisaram de auxílio de uma pessoa em quatro oportunidades, sendo que em outras três atividades não apresentaram nenhuma dificuldade. A criança C11 também necessitou de outra pessoa para lhe auxiliar em quatro oportunidades, porém não encontrou dificuldades em somente duas atividades.

A criança C5 conseguiu realizar 5 atividades, e necessitou de auxílio em cinco oportunidades. Deixou de realizar uma atividade por comprometimento motor e outra atividade por outros motivos. Não encontrou dificuldades em 2 das 7 atividades.

Já a criança C2 apresentou dificuldades em todas as 7 atividades, sendo que em 6 delas, necessitou de auxílio de uma pessoa para que realizasse a tarefa proposta. Conseguiu realizar 4 atividades ao todo, deixando de realizar uma atividade por comprometimento motor e outras 2 atividades por outros motivos, onde apresentou outras dificuldades.



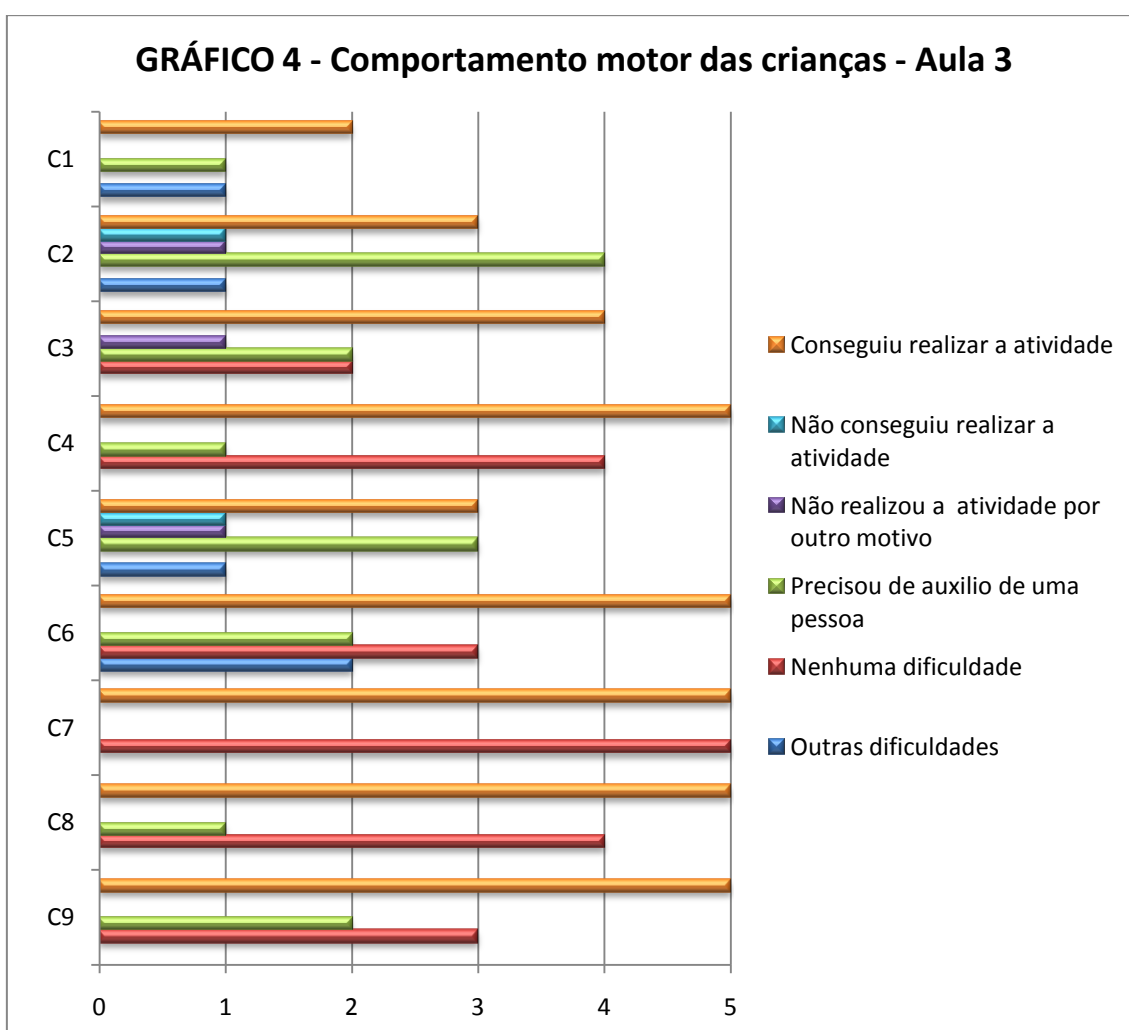
Na aula 2 estavam presentes ao todo 7 crianças. Essa aula foi realizada no solo e contava com 4 atividades ao todo. Das 12 categorias existentes para análise, foram observadas nove. Outras três categorias não puderam ser observadas nesta aula pois não haveria critério para avaliação. São elas: “Precisou de auxílio de um objeto”, “Dificuldade em sentar-se e levantar-se” e “Dificuldade em saltar”.

Todas as crianças com exceção da criança C5 conseguiram realizar todas as atividades propostas. A criança C1 necessitou de auxílio de outra pessoa durante as 4 atividades, e apresentou em uma delas outras dificuldades, além das categorias supracitadas. Já a criança C6 precisou de auxílio de outra pessoa em 3 atividades, não apresentando nenhum tipo de dificuldade em 1 delas.

A criança C10 precisou de auxílio de outra pessoa nas quatro atividades, e em 2 atividades apresentou dificuldade em manter-se em pé sem apoio, dificuldade de equilíbrio e dificuldade em caminhar. Conseguiu realizar todas as 4 atividades, apresentando dificuldade em todas elas.

A criança C12 precisou de auxílio de outra pessoa em 2 oportunidades, e apresentou dificuldades de equilíbrio em 1 atividade. Conseguiu realizar outras 2 atividades sem apresentar nenhum tipo de dificuldade.

Já as crianças C4 e C7 conseguiram realizar todas as 4 atividades propostas sem apresentar nenhum tipo de dificuldade.



A aula 3 foi realizada na piscina, e contava com 5 atividades ao todo. Participaram dessa aula 9 crianças, das quais 5 conseguiram realizar todas as atividades. Das 12 categorias existentes para análise, foram observadas seis, pois as demais categorias não puderam ser avaliadas em uma aula realizada na piscina. São elas: “Precisou de auxílio de um objeto”,

“Dificuldade em manter-se em pé sem apoio”, “Dificuldade de equilíbrio”, Dificuldade em sentar-se e levantar-se”, “Dificuldade em caminhar” e “Dificuldade em saltar”.

A criança C7 assim como nas duas aulas anteriores demonstrou um ótimo comportamento motor, e realizou as 5 atividades sem apresentar nenhum tipo de dificuldade.

As crianças C4 e C8 precisaram de auxílio de uma pessoa em uma única atividade, conseguindo assim realizar as outras 3 atividades sem nenhuma dificuldade. Já as crianças C6 e C9 encontraram dificuldades em 2 atividades, e precisaram de auxílio de outra pessoa para a execução destas atividades.

A criança C3 realizou 4 das 5 atividades, onde deixou de realizar 1 atividade por outro motivo. Apresentou dificuldades em 2 atividades, necessitando assim de auxílio de outra pessoa para que conseguisse êxito na brincadeira.

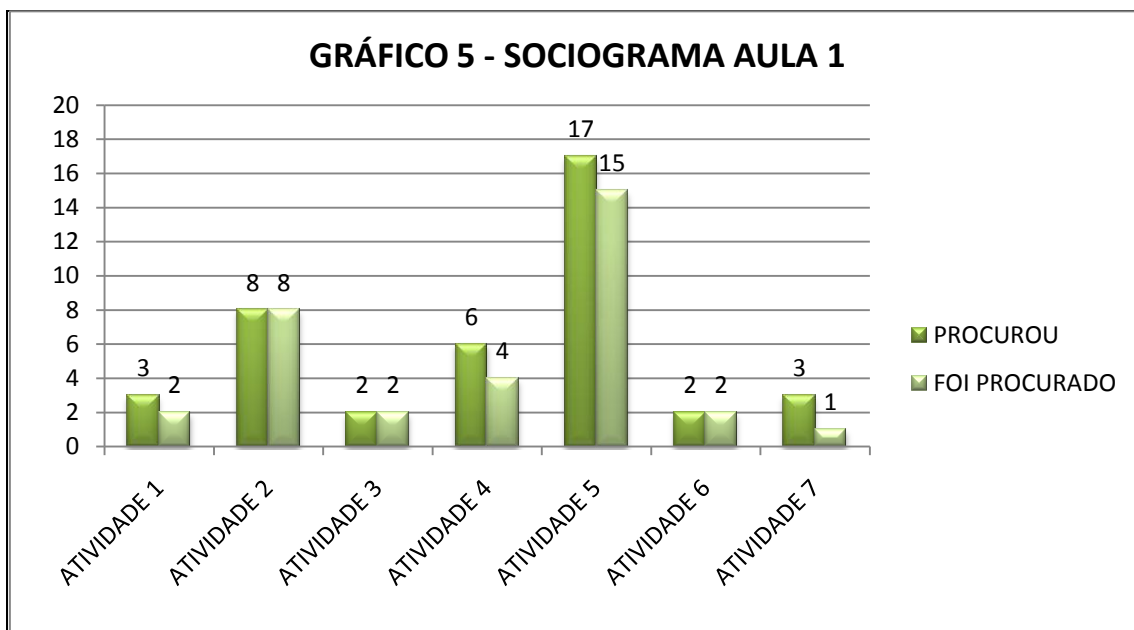
As crianças C2 e C5 realizaram 3 das 5 atividades, sendo que deixaram de realizar uma atividade por comprometimento motor, e outra atividade por motivo além das categorias citadas. A criança C5 necessitou de auxílio de outra pessoa em 3 oportunidades, enquanto C2 necessitou do mesmo auxílio 4 vezes.

Já a criança C1 participou somente das duas primeiras atividades, tendo que abandonar a aula por motivos de saúde. C1 conseguiu realizar as 2 atividades, sendo que necessitou de auxílio de uma pessoa em uma delas, e na outra enfrentou outras dificuldades, além das categorias já mencionadas.

4.3 O Comportamento social durante as aulas

Através da análise do comportamento social de cada criança, conseguimos identificar as relações interpessoais existentes durante as atividades ministradas. Fazendo uso de um Sociograma, é possível verificar quais são as crianças que mais procuram e quais são as mais procuradas, tanto na relação aluno-aluno como também aluno-acadêmico.

A coleta de dados a respeito do comportamento social das crianças em cada aula está representado nos gráficos a seguir.



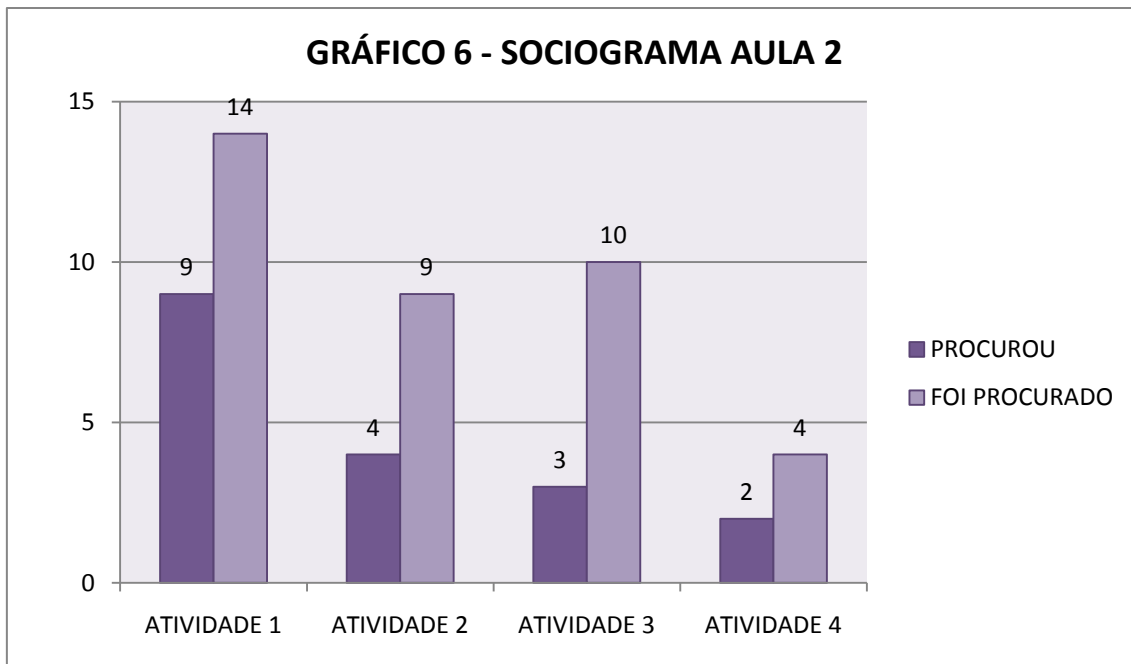
Como mostra o gráfico 5, a aula 1 teve ao todo 7 atividades diferentes, e em cada uma delas ocorreram relações interpessoais das crianças entre elas e com os acadêmicos.

A primeira atividade teve três crianças que procuraram dois colegas e um acadêmico durante a atividade, enquanto duas crianças foram procuradas por seus amigos. Na atividade seguinte, oito crianças se relacionaram durante a brincadeira com os demais amigos, enquanto outras oito crianças foram procuradas, mostrando assim uma maior socialização com relação a primeira atividade.

Na atividade 3 duas crianças procuraram colegas durante a brincadeira, enquanto outras duas crianças foram procuradas.

A atividade 4 apresentou melhor socialização que a atividade anterior, onde quatro crianças procuraram outras quatro crianças durante a atividade, e duas crianças procuraram dois acadêmicos.

A atividade 5 foi a que mais apresentou socialização nesta aula. Ao todo, 17 possibilidades de procura foram analisadas, e em 15 oportunidades as crianças foram procuradas durante a brincadeira. As atividades 6 e 7 apresentaram socialização menor. Eram atividades cantadas, o que possivelmente diminui a oportunidade de procura entre as crianças, visto que estão entretidas em cantar e gesticular, de acordo com a música. Ocorreram duas procuras na atividade 6 e três procuras na atividade 7, enquanto houveram 2 crianças procuradas na atividade 6 e uma criança procurada na atividade 7.

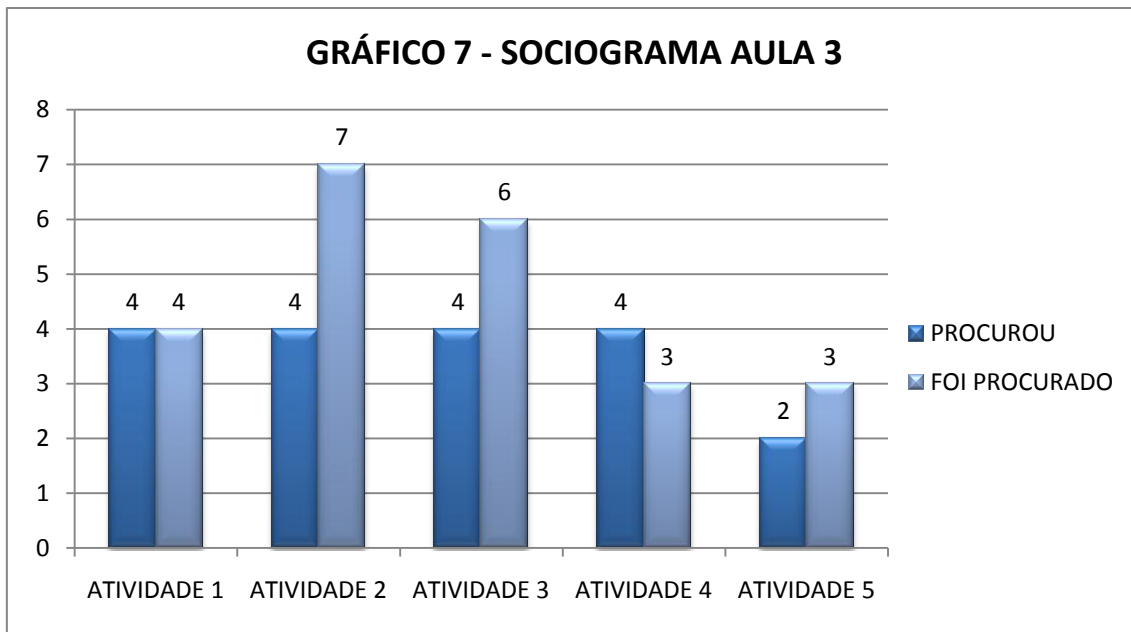


A aula 2 foi realizada no solo e apesar de contar com somente sete crianças nesta aula, apresentou ótima relação interpessoal entre as crianças durante as atividades.

A primeira atividade foi a que mais apresentou socialização. As crianças procuraram outras crianças e acadêmicos nove vezes, e foram procuradas em outras 14 oportunidades, tanto por crianças como por acadêmicos.

Já na segunda atividade quatro crianças procuraram três crianças e um acadêmico, enquanto nove crianças foram procuradas, sete delas por acadêmicos.

Na terceira atividade, as crianças procuraram duas crianças e um acadêmico durante a brincadeira, enquanto foram procuradas 10 vezes, sendo que sete delas por acadêmicos. Já na quarta atividade uma criança procurou outra criança, e outras três crianças foram procuradas por acadêmicos.



A aula 3 foi realizada na piscina e contou com 5 atividades diferentes. As três primeiras atividades apresentaram números semelhantes com relação a socialização, apresentando posteriormente uma diminuição das ocorrências.

A primeira atividade teve quatro crianças procurando outras três crianças e um acadêmico, enquanto outras quatro crianças foram procuradas, uma delas por um acadêmico.

Já a segunda atividade apresentou a maior socialização da aula. Quatro crianças procuraram outras quatro crianças durante a brincadeira, enquanto sete crianças foram procuradas, três delas por acadêmicos.

Na atividade 3 as crianças também procuraram quatro vezes ao todo sendo que uma delas procurou por um acadêmico. Seis crianças foram procuradas nesta atividade, três delas por outras crianças, e outras três por acadêmicos

Na quarta atividade ocorreram quatro procuras das crianças, sendo duas delas direcionadas para acadêmicos. Três crianças foram procuradas, duas por outras crianças, e uma por um acadêmico.

Já na quinta e última atividade a socialização foi menor. Duas crianças procuraram outras duas crianças, e uma criança foi procurada por um acadêmico durante a atividade.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

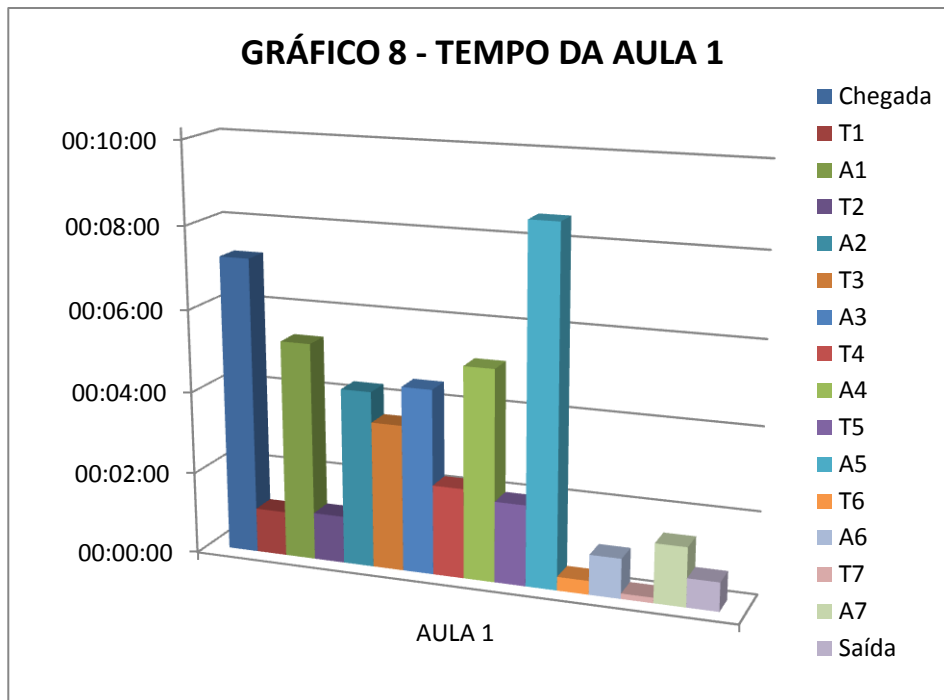
Neste capítulo iremos analisar e discutir os resultados apresentados no capítulo anterior, buscando relacionar os dados com a literatura pesquisada.

Inicialmente, através de gráficos, serão analisados e discutidos dados referentes aos Tempos utilizados nas 3 aulas durante as atividades; em seguida será analisado o Comportamento motor de cada criança em cada uma das aulas, assim como seu desempenho durante cada atividade; e, finalizando, será analisado o Comportamento social de cada criança, através das relações interpessoais de cada uma delas, referentes à todas as atividades das 3 aulas analisadas.

5.1 O Tempo Total, Transição e o Tempo em atividade

As aulas do programa AMA – Atividade motora adaptada tem ao todo 60 minutos de duração. Considerando que a duração total das aulas é o tempo de filmagem, as aulas analisadas tiveram em média 49 minutos, somados o tempo de atividade e o tempo de transição, ou seja, do tempo total de atividade até chegar em 1 hora, houve um desperdício de tempo de aproximadamente 11 minutos em cada uma das aulas.

Através da utilização da matriz do tempo, chegamos aos resultados dos tempos de cada uma das 3 aulas. A seguir será apresentado um gráfico para cada aula, ilustrando o tempo de atividade e de transição, assim como a chegada e saída de cada aula analisada.



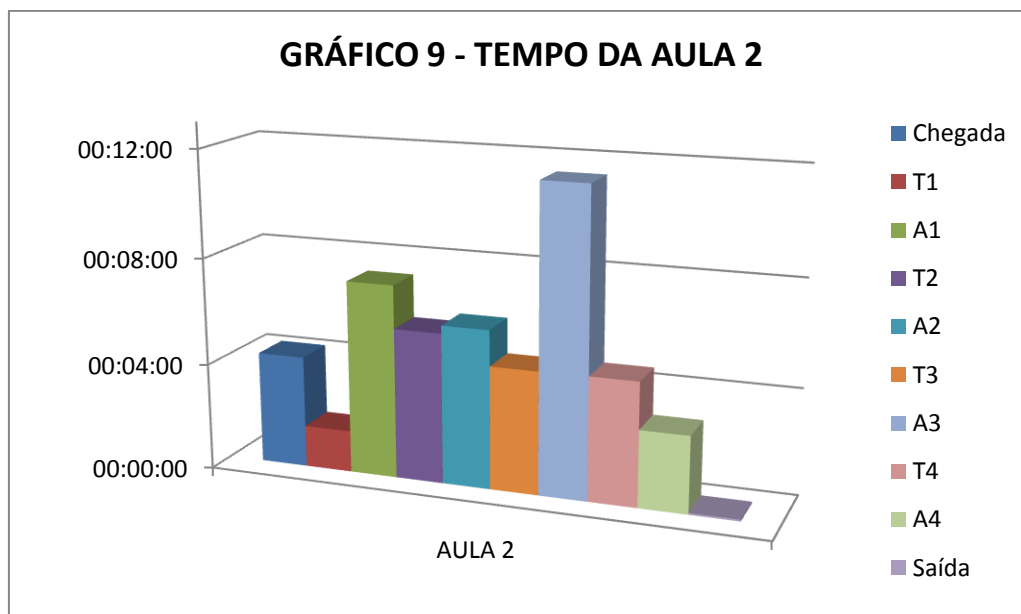
O tempo total de aula no gráfico acima é considerado a partir do momento em que a câmera fotográfica é acionada. De acordo com o gráfico, o tempo de chegada na aula 1 foi de sete minutos e 13 segundos. Esse tempo costuma ser alto principalmente nas aulas da piscina, pois leva-se em conta o tempo de deslocamento da sala de aula até a piscina, e também o fato dos acadêmicos e as crianças terem que trocar de roupa.

Os tempos de transição foram semelhantes, com exceção da transição entre as atividades 2 e 3, com duração de três minutos e 33 segundos. Esse tempo maior deve-se ao fato de incluir os materiais na piscina, que era o espaguete, dividindo a piscina em duas partes, e as bolinhas que deveriam ser espalhadas em números iguais pra cada lado da piscina. Foi necessário também dividir a turma em 2 grupos diferentes, o que consumiu ainda mais tempo.

Como nessa aula havia muitos alunos com relação ao número de acadêmicos, eu, ministrante da aula, passei a auxiliar uma criança na piscina, passando a ministrar a aula de dentro da piscina. Segundo Schmitt et al. (2011) a proporção ideal é de um acadêmico para cada criança.

Acredito que a voz de comando sendo dada de dentro da piscina exigiu mais atenção de toda a turma, o que influenciou nos tempos de transição entre as atividades. A atividade 5 foi a de maior duração. Levou oito minutos e 35 segundos ao todo. Já a atividade 6 foi a menor, sendo executada em apenas 58 segundos.

Portanto, a aula 1 teve duração total de 47 minutos e 47 segundos. Seu tempo de transição foi de 17 minutos e 37 segundos, onde as atividades duraram 30 minutos e 10 segundos. Conclui-se que houve um desperdício de tempo de 12 minutos e 13 segundos.



A aula teve um tempo total de 48 minutos e 15 segundos. A aula no solo apresentou um tempo de transição maior do que as aulas na piscina. O tempo de transição entre as atividades foi consideravelmente maior, tendo em média 5 minutos de uma atividade para a outra. Logo na chegada, alguns minutos foram gastos até que algumas crianças ficassem mais calmas, momento em que cada acadêmico já foi procurando ou sendo procurado pelas crianças, formando duplas. A primeira atividade começou aos 5 minutos e 47 segundos.

A atividade 1 durou sete minutos e 16 segundos. Porém foram gastos mais cinco minutos e 39 segundos de transição para a atividade 2. Como tinha que incluir material (steps) pra iniciar a atividade 2, a preparação desta atividade iniciou-se assim que a primeira atividade encerrou, o que acabou gerando uma transição maior, pois a primeira atividade exigia dos alunos que eles corressem pela sala, e os steps poderiam influenciar negativamente no decorrer da atividade.

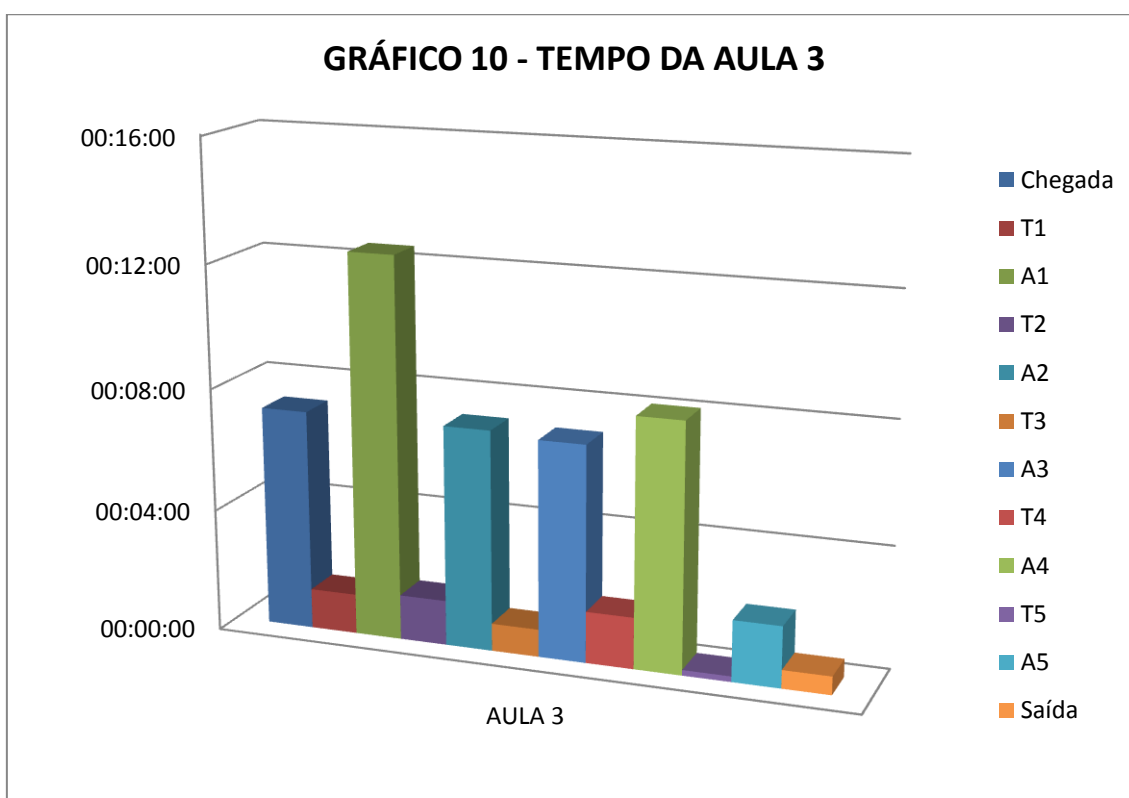
A atividade 2 durou cinco minutos e 57 segundos. Sua transição para a atividade 3 durou quatro minutos e 37 segundos. Parte desse tempo gasto na transição se deu pela explicação do circuito. Eram varias estações e foi explicado que cada criança deveria passar

pelo menos uma vez por cada uma, o que era também demonstrado para que elas pudessem compreender melhor o objetivo da atividade.

Esta atividade foi a maior da aula, com 11 minutos e 25 segundos. Devido ao grande número de estações, foi planejado um tempo maior para tal atividade, pois demandaria mais tempo para que cada criança vivenciasse pelo menos em uma vez cada estação do circuito.

Sua transição para a quarta atividade foi de quatro minutos e 38 segundos. Essa transição poderia ter sido menor, pois era o tempo somente de guardar os materiais utilizados e iniciar uma canção, porém os alunos se propuseram a ajudar a guardar os materiais, pedido este concedido.

A atividade 4 foi a mais curta, com dois minutos e 52 segundos. Já no final da aula, cantamos a música do crocodilo, já conhecida pela maior parte das crianças. A saída das crianças ocorreu em quatro segundos, finalizando o vídeo desta aula.



A aula 3 foi realizada na piscina e teve 50 minutos e 11 segundos de tempo total de aula. Seu tempo total de transição foi de 13 minutos e 21 segundos.

A primeira atividade foi a “Dança do Espaguete” que iniciou aos oito minutos e 31 segundos de aula. Foi a maior atividade da aula, totalizando 12 minutos e 29 segundos de atividade. Tratava-se de uma atividade em que as crianças deveriam buscar um espaguete quando cessasse a música, e como havia um espaguete a menos, a criança que ficava sem o espaguete pagava uma prenda. A brincadeira se estendeu para que todas as crianças tivessem que pagar a prenda pelo menos uma vez. Sua transição para a atividade 2 foi de 1 minuto e 28 segundos.

A segunda atividade foi o “Pique-Corrente”. Essa brincadeira durou sete minutos e 12 segundos, tempo em que ficou evidente o cansaço e a desatenção de algumas crianças com relação a atividade, justificando assim a mudança imediata para a próxima atividade. A transição até o início da atividade 3 foi de 54 segundos.

A terceira atividade foi o “Pega-Balão”, com duração de sete minutos e três segundos. Cada criança passou a tentar tomar o balão dos colegas. Essa atividade mostrou um bom aproveitamento, onde ocorreu grande participação de todas as crianças. A duração desta atividade acabou se estendendo, devido a resposta positiva da turma. Sua transição para a atividade 4 foi de um minuto e 41 segundos.

A quarta atividade foi a “Corrida dos Tapetes”. Ela levou ao todo oito minutos e seis segundos, e sua transição para a quinta e última atividade foi a mais baixa, levando apenas 11 segundos. Neste dia em especial, ficou nítida a sensação de frio da maior parte das crianças ao término da terceira atividade. Fato este que motivou uma mudança nos planos de atividade, onde optou-se por uma brincadeira que fizesse todas as crianças baterem pernas, afim de se movimentarem e “espantar” o frio. Surgiu a brincadeira de bater pernas carregando o tapete, dividindo a turma em 2 grupos. A brincadeira teve resultado positivo, e ótima participação das crianças.

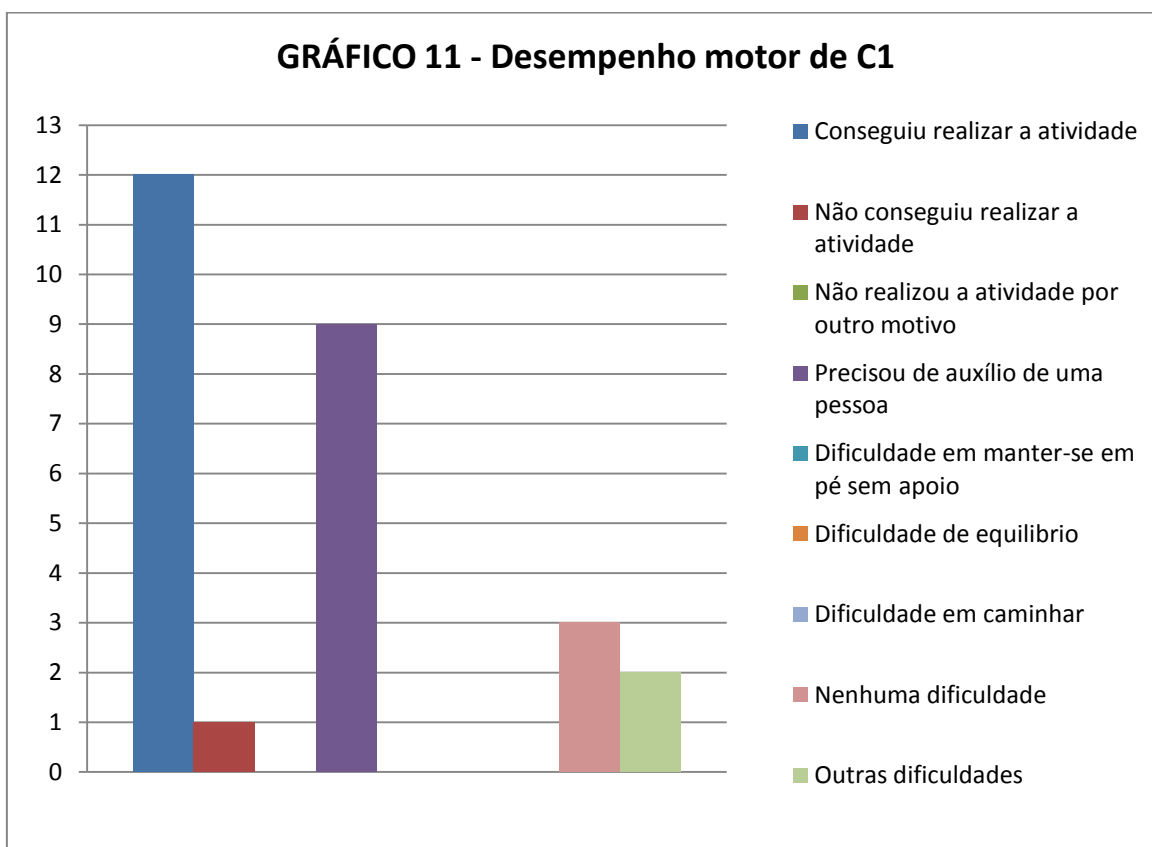
A atividade 5 foi a música “Sai tainha”, que durou exatos dois minutos, sendo esta uma brincadeira cantada com objetivo de volta à calma. A saída das crianças durou 36 segundos, finalizando assim a terceira aula analisada.

5.2 Desempenho motor e necessárias adequações

Neste estudo foi analisado o desempenho motor de 12 crianças, em 3 aulas distintas, durante 16 atividades diferentes. Para realizar essa análise, utilizaram-se as 12 categorias existentes na Matriz de Análise do Comportamento Motor (ZUCHETTO, 2001).

Os gráficos para análise apresentam ao todo 9 categorias existentes, sendo que 3 categorias não apresentaram necessidade de avaliação, pois nenhuma das 12 crianças mostrou dificuldade em tais quesitos. As categorias não avaliadas são: “Precisou de auxílio de um objeto”, “Dificuldade em sentar-se e levantar-se” e “Dificuldade em saltar”.

Será apresentado um gráfico para cada criança, onde será possível analisar e discutir o comportamento motor das mesmas.



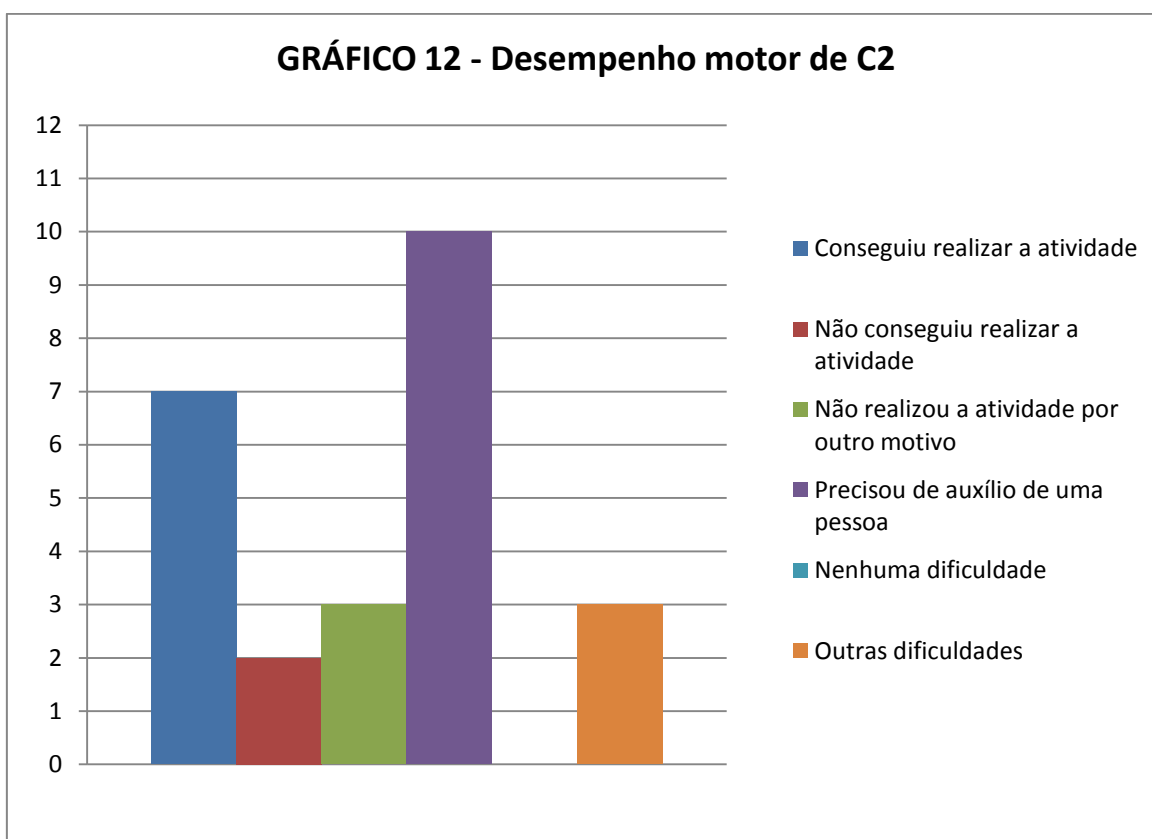
Como podemos observar no gráfico 11, o comportamento motor de C1 foi avaliado em 13 das 16 atividades, pois o mesmo não participou das últimas três atividades da Aula 3, tendo que abandonar as atividades por motivo de saúde.

De 13 atividades que participou, C1 conseguiu realizar 12 delas. A atividade que C1 não conseguiu realizar foi a primeira atividade da Aula 1. Mostrando indisposição em entrar na piscina nesta data. C1 apresentou déficit de atenção no início da aula, onde ficou em observação por alguns minutos. Já na segunda atividade, deu continuidade às brincadeiras, participando ativamente da aula.

Em nove atividades, C1 precisou de auxílio de outra pessoa, pois como necessita de cadeira de rodas, em algumas atividades foi necessário o auxílio de dois acadêmicos para

adequá-lo às atividades, estimulando ao máximo as respostas motoras que a criança podia oferecer. C1 necessitou de muitas adequações para realizar as atividades. De acordo com Siqueira et al. (2011), as adequações são essenciais para permitir que crianças com Paralisia Cerebral, independente do seu comprometimento, executem todas as atividades propostas sempre respeitando suas possibilidades.

Já em 2 atividades C1 demonstrou outras dificuldades. Estas atividades foram a “Passando a montanha” da aula 2 e “Pega Corrente” da aula 3. Na primeira ocasião, C1 demonstrou dificuldade em arremessar a bolinha, gesto este que foi repetido inúmeras vezes até que a criança alcançasse êxito no movimento. Já na aula 3, C1 já demonstrava um comportamento estranho, demonstrando vontade de deixar a aula. Acredita-se que C1 tenha passado mal nesta aula, e, portanto, seu desempenho nesta atividade ficou prejudicado, visto que a criança deixou a aula, logo depois que encerrou a atividade “Pega Corrente”.

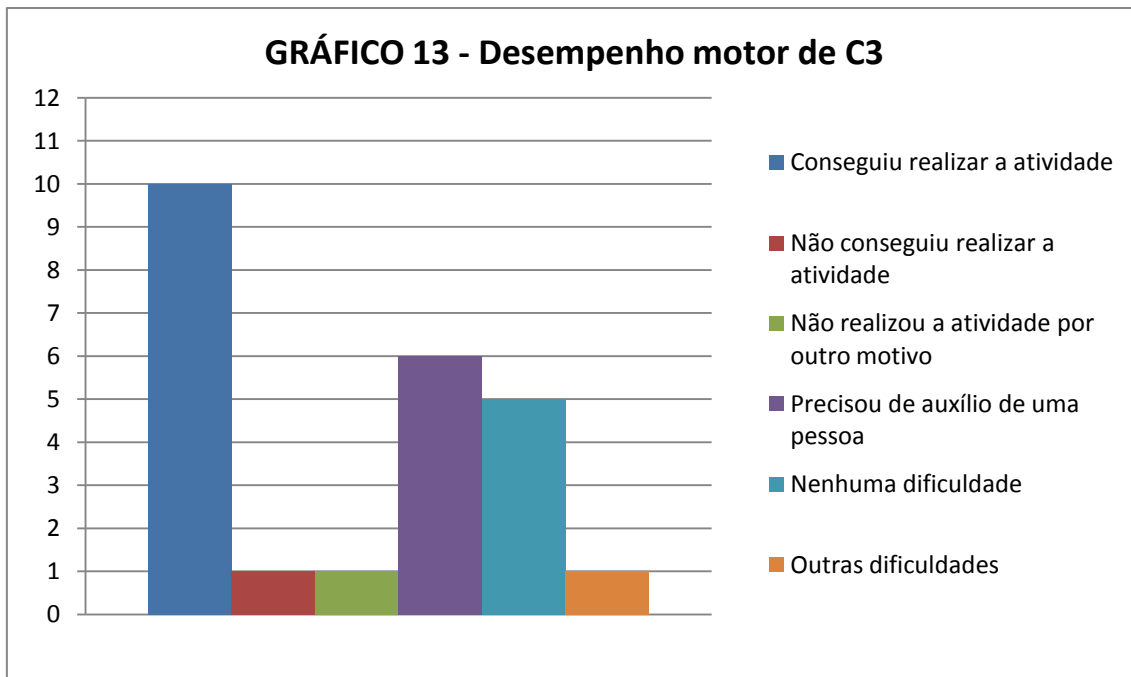


Ao observar o gráfico 12, observa-se que C2 participou ao todo de 12 atividades, pois esta criança participou da aula 1, que contava com 7 atividades, e da aula 3, composta por 5 atividades.

Do total de 12 atividades, C2 conseguiu realizar 7 atividades. A atividade 3 da aula 1 não foi realizada, pois C2 não se comportava, e não demonstrava vontade em realizar a atividade, mesmo com auxílio. C2 tem autismo, e sua participação na aula tem que ser muito cobrada o tempo inteiro, pois assim é possível obter uma melhora no desempenho motor do mesmo. A atividade 3 da aula 3 também não foi realizada, pois C2 chorava muito durante a atividade, se negando a participar da brincadeira “Pega Balão”. Mesmo com a intervenção de mais acadêmicos, C2 não realizou a atividade.

Outras três atividades deixaram de ser realizadas por outro motivo. Foram elas: “Bate pernas com espaguete”, “Bolinhas no Cesto” e “Corrida dos Tapetes”. Em todas estas atividades, C2 demonstrou déficit de atenção, o que é comum com relação a sua deficiência. Não apresentou sequer condições de avaliar seu comportamento motor em tais atividades, pois não participou em momento nenhum nestas 3 tarefas.

Em praticamente todas as atividades que realizou, C2 necessitou de auxílio de uma pessoa. Foram 10 atividades ao todo. Ambas as aulas foram na piscina, e C2 demonstra ainda muita dependência dentro da água, demonstrando até certa insegurança em alguns momentos. Além disso, necessita de estímulo o tempo inteiro para que realize as atividades, pois apresenta um comportamento inadequado, devido ao comprometimento de sua deficiência, o autismo. Segundo Gauderer (1992), são comuns, especialmente nas crianças autistas menores, perturbações do comportamento, inclusive gritos, ataques de raiva, agressividade, destrutibilidade, fugas, espalhar indiscriminadamente os objetos ao seu redor e todos os tipos de comportamento socialmente embaraçosos e auto-agressão. Os motivos para estes comportamentos podem vir de mudanças nos objetos de rotina importantes para a criança, falta de compreensão das regras sociais devido à não compreensão das instruções.

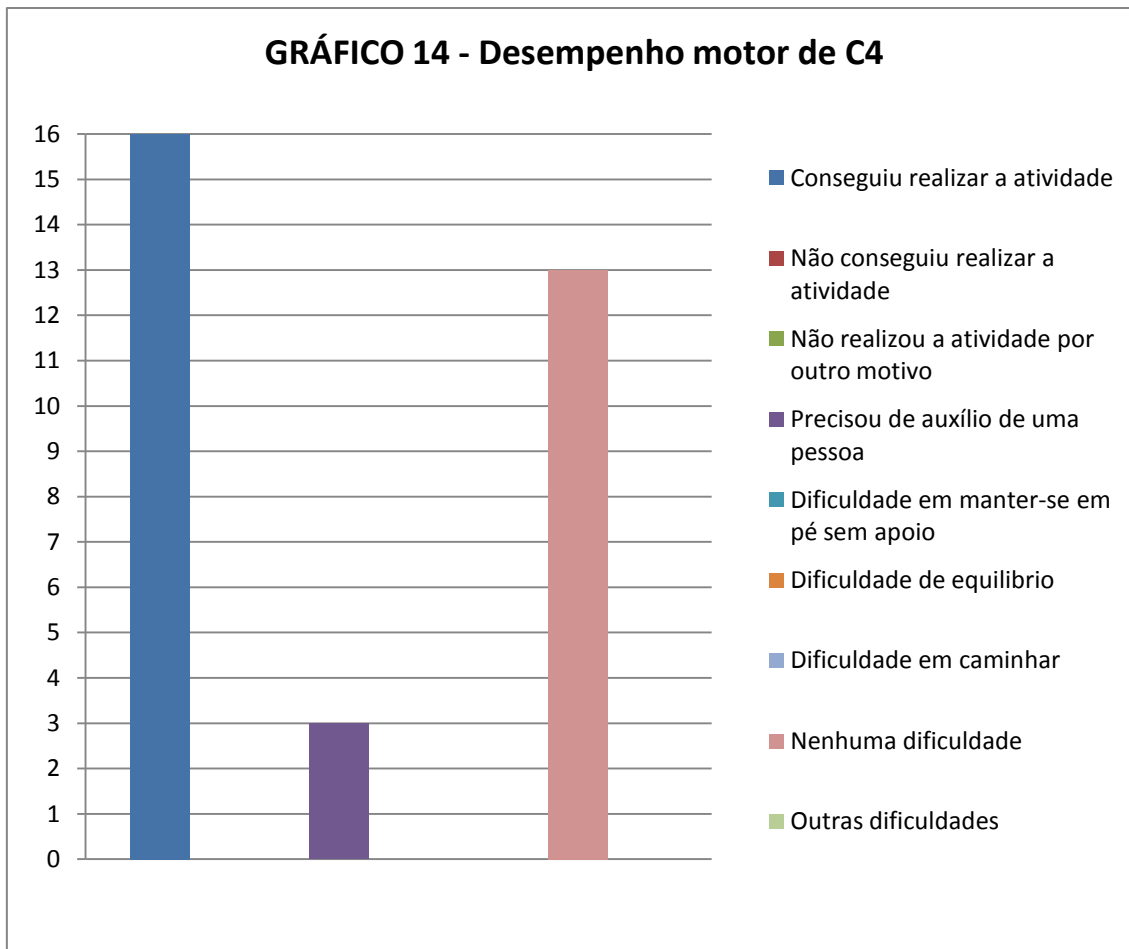


Assim como no exemplo anterior, C3 também participou somente das aulas 1 e 3, totalizando assim 12 atividades.

De acordo com o gráfico 13, observamos que das 12 atividades que realizou, C3 conseguiu realizar 10 delas, não conseguindo realizar a atividade “Bate Pernas com Espaguete” da aula 1. C3 ainda não tem domínio do movimento de bater pernas, o que deve ser estimulado o tempo todo em que está na água. Já na atividade “Pega Balão” da aula 3, C3 não realizou a atividade por déficit de atenção, não interagindo e demonstrando um grau de irritabilidade relevante durante a atividade. C3 também tem Autismo, e mesmo com a intervenção dos acadêmicos, acabou não realizando a terceira atividade da aula 3.

Do total de 12 atividades, C3 necessitou de auxílio de outra pessoa em 6 delas, sendo quatro atividades da aula 1 e duas atividades da aula 3. As primeiras 4 atividades da aula 1 demonstraram essa necessidade, pois C3 não demonstrava muita vontade em participar da aula, inclusive chorando no início. Já na aula 3, não realizou as atividades 2 e 4 por motivos semelhantes, mostrando assim que a intervenção do acadêmico é fundamental para que C3 seja inserido nas atividades.

Conforme Prestes et al. (2009), a criança com autismo apresenta déficit de aproveitamento em atividades lúdicas assim como apresenta dificuldade em se relacionar com outras crianças e em iniciar e manter padrões adequados de diálogo, o que acarreta perdas no seu desenvolvimento motor.

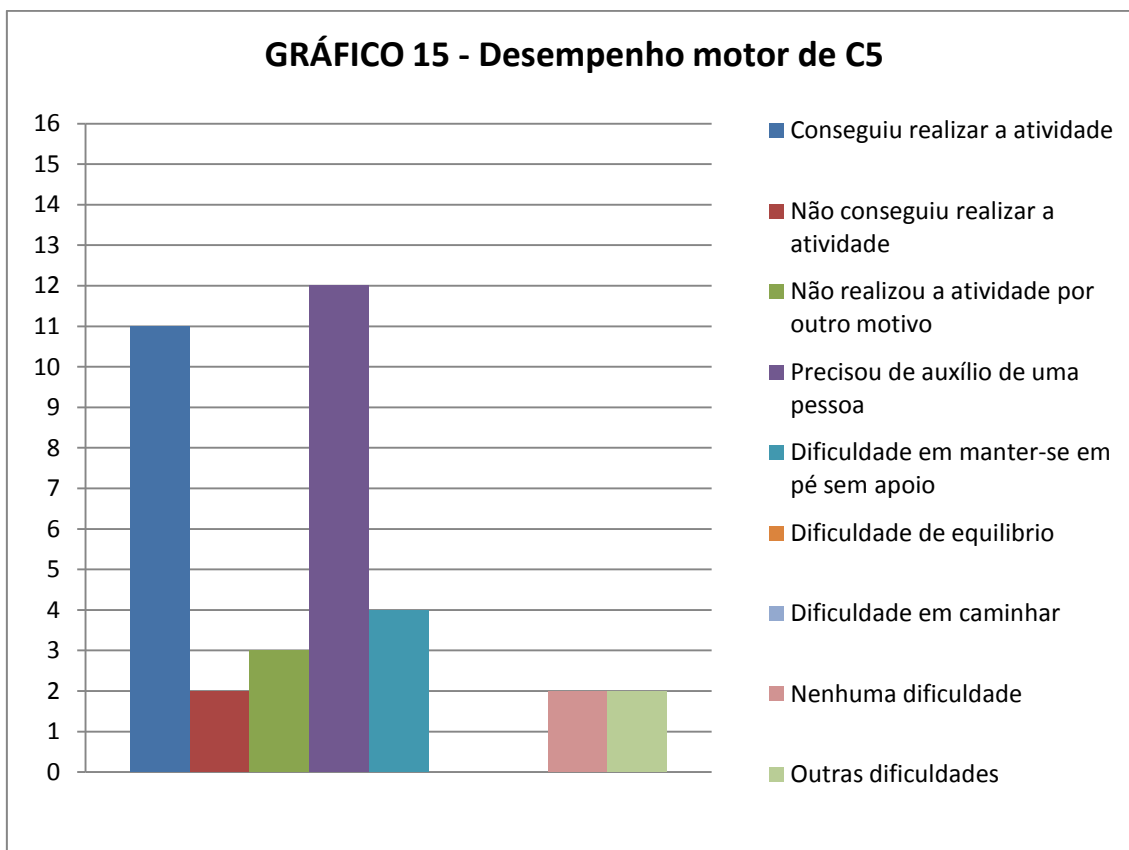


Ao observar o gráfico 14, vemos que C4 conseguiu realizar todas as atividades propostas nas 3 aulas analisadas, sendo que não demonstrou nenhuma dificuldade em 13 delas.

Em outras 3 atividades, C4 precisou de auxílio de uma pessoa. Foram elas: “Guerra de Bolinhas” e “Bolinhas no Cesto” da aula 1 e “Pega Balão” da aula 3. Observa-se que todas as 3 atividades que C4 apresentou dificuldade foram realizadas na piscina, e exigiam movimentos de coordenação de membros superiores. Nas duas atividades da aula 1, C4 demonstrou dificuldade de coordenação com relação aos arremessos, onde um acadêmico o auxiliou demonstrando como deveria executar o movimento. Já na atividade da aula 3, C4 demonstrou dificuldade em segurar o seu balão e tentar pegar o balão de seus colegas ao mesmo tempo. Conforme o andamento da atividade, o desempenho de C4 na brincadeira foi demonstrando uma evolução significativa.

C4 apresenta transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), e conforme Lorenzini (2002), a brincadeira é um estímulo que fornece às crianças com esta deficiência a experiência necessária para o desenvolvimento sensorial, motor, perceptual, cognitivo e

cultural. Tratando-se especificamente de crianças com TDAH, é indicada a psicomotricidade para melhorar o controle motor, levando-se em conta as alterações na coordenação motora desta população.



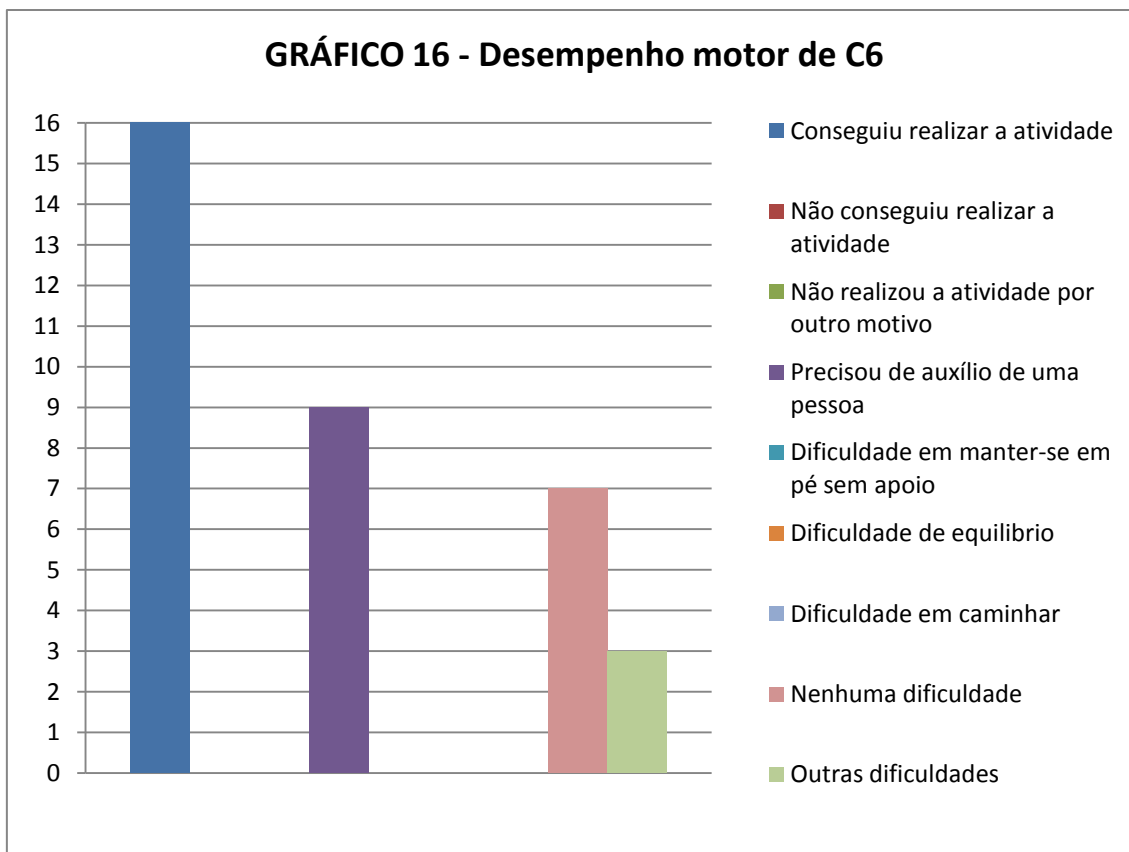
Ao analisar o gráfico 15, observamos que C5 conseguiu realizar 11 atividades, deixando de realizar outras 5. C5 apresenta deficiência visual e não realizou as seguintes atividades: “Bate Pernas com Espaguete” da aula 1 e “Corrida dos Tapetes” da aula 3. Ambas as atividades exigiam o movimento de bater pernas, movimento este que C5 não apresentou condições de executar. Apesar de apresentar excelente comportamento nas aulas da piscina, C5 ainda demonstra dificuldades nesse movimento em especial, o que deve ser trabalhado sistematicamente visando a melhora de seu comportamento motor.

Já as atividades “Bolinhas no Cesto” da aula 1, “Passando a montanha” da aula 2 e “Pega Corrente” da aula 3 não foram realizadas por outros motivos. Na atividade da aula 1 C5 não executava o arremesso da bolinha, mesmo com as adequações necessárias, como estímulos sonoros indicando o local e a aproximação da criança do local onde deveria arremessar. Deixando de lançar a bola, C5 preferia ficar com a bolinha, realizando uma brincadeira a parte, mesmo recebendo ordens contrárias por parte do acadêmico que o

auxiliava. Na atividade da aula 2, C5 não subiu a escada de steps, e passou quase o tempo inteiro se jogando no chão, como forma de se negar a realizar tal atividade. Mesmo com as adequações, não foi possível fazer com que C5 realizasse a brincadeira. Por fim, na atividade da aula 3, C5 não quis participar da brincadeira, dando a mão a outro colega. Largava a mão o tempo todo, e buscava mergulhar dentro da água, deixando assim de realizar a atividade.

Em 12 atividades, C5 necessitou de auxílio de outra pessoa para execução das mesmas, sendo que em quatro delas, demonstrou dificuldade de manter-se em pé sem apoio, pois como apresenta deficiência visual, necessita de um acadêmico junto a ele durante as atividades. A deficiência visual em crianças, segundo Malta et al. (2006), gera conseqüências limitantes para o desempenho de atividades de autocuidado, locomoção, compreensão, comunicação e tarefas domésticas. Mesmo assim, as pessoas que apresentam apenas essa deficiência demonstram perfeitas condições de praticar as mais diversas modalidades esportivas.

Em 2 atividades, C5 demonstrou outras dificuldades. Uma delas foi o “Bate Pernas com Espaguete” da aula 1. C5 além de não realizar o movimento, demonstrou também dificuldade em segurar a pranchinha que utilizava no momento, largando a mesma várias vezes por querer ficar imerso na água. Já na atividade “Dança dos Espaguetes” da aula 3, C5 demonstrou dificuldades em dar seguimento a brincadeira. Quando entrava em contato com o espaguete, era difícil fazê-lo largar e continuar a ‘dançar’, o que dificultou um pouco sua participação em tal atividade.



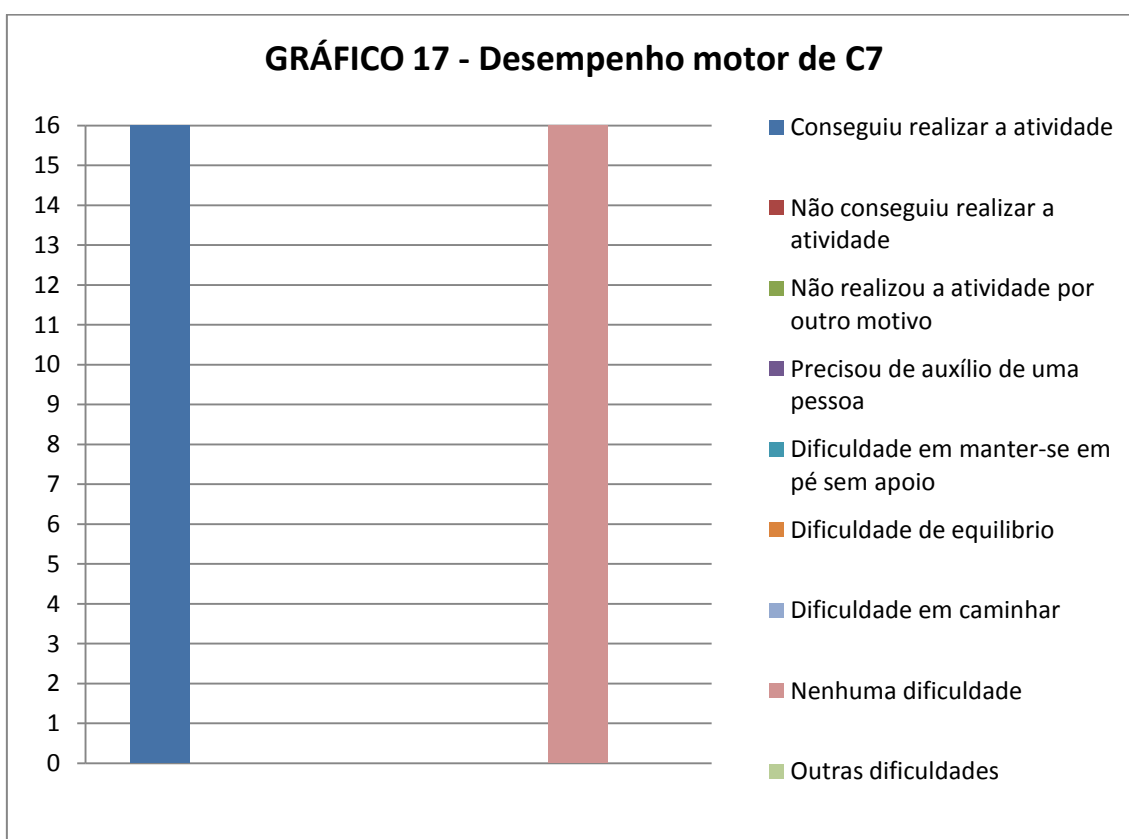
Analisando o Gráfico 16, observamos que C6 conseguiu realizar todas as 16 atividades, precisando de auxílio em nove delas. Sua deficiência é auditiva, e, portanto, necessita de adequações na explicação da atividade, onde um acadêmico que domine a linguagem de sinais passe a interagir com C6, possibilitando que o mesmo participe bem das atividades.

Já em outras 3 atividades, C6 demonstrou outras dificuldades. Foram elas: “Guerra de Bolinhas” da aula 1, “Dança do Espaguete” e “Pega Corrente”, ambas da aula 3. Na atividade da aula 1, C6 demonstrou dificuldades de compreensão quanto ao objetivo da atividade, pois arremessava as bolinhas para o lado da piscina de sua própria equipe. Assim que constatou-se o equívoco a atividade foi paralisada, onde ocorreu uma nova explicação a todas as crianças, dada esta a C6 através de sinais, como na primeira vez.

Na atividade “Dança do Espaguete” também foi feita uma adequação para C6. Como ele não conseguiria saber o momento em que a música cessava, o ministrante da aula levantava os braços neste momento, onde C6 visualizando tal movimento, sabia que era o momento de procurar um espaguete. Já na atividade “Pega Corrente” houve dificuldade de compreensão do objetivo da brincadeira. Nesta atividade, C6 iniciou como “pegador”, porém se mostrou confuso quanto ao que fazer. A atividade foi interrompida neste momento, para

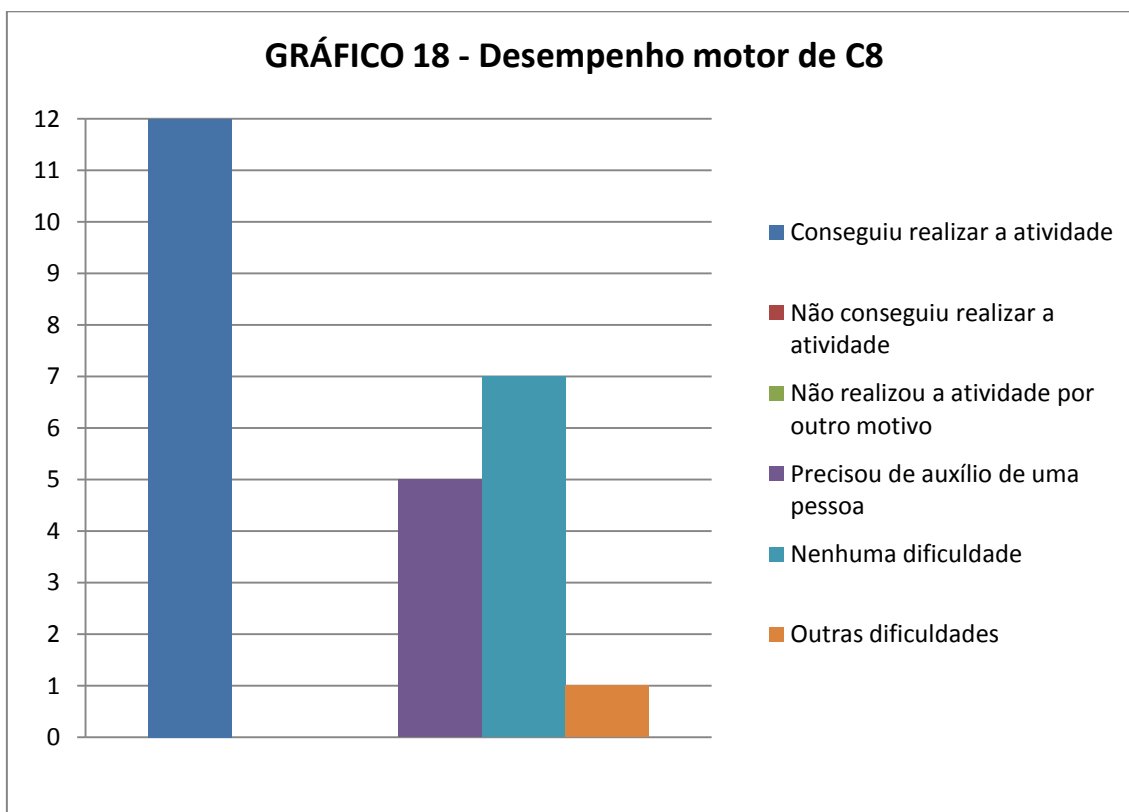
que um acadêmico mostrasse novamente a C6 o objetivo da brincadeira. Após a explicação, C6 seguiu normalmente a atividade.

Interessante ressaltar que C6 apresenta ótimo comportamento motor, onde desenvolve diversas possibilidades. Suas adequações se limitam a sua deficiência, que afeta sua audição e conseqüentemente a sua comunicação com as demais crianças. De acordo com Pasetto e Araújo (2004), a utilização de dicas na figura e no modelo quando associados, mostrou-se de muita utilidade como estratégia de aprendizagem motora para alunos surdos. O caminho da aprendizagem para o alunos surdo, necessariamente será visual, sendo assim se torna de grande importância para os educadores a compreensão do poder constitutivo da imagem. Portanto, o uso de adequações visuais é essencial para que C6 melhore seu aprendizado cognitivo e motor.



Ao observar o Gráfico 17, observamos que C7 realizou todas as 16 atividades sem apresentar nenhum tipo de dificuldade. Em todas elas, conseguiu participar sem auxílio de acadêmicos, mostrando excelente desenvolvimento motor, apresentando todas as possibilidades de um desenvolvimento normal para a sua idade.

A deficiência de C7 é a Paralisia Cerebral, porém seu comprometimento é leve, onde somente com uma observação minuciosa da criança é possível perceber comprometimentos no aspecto motor, onde demonstra falta de coordenação motora fina em alguns momentos, o que pode ser visto principalmente nas extremidades. Apresenta também dificuldade de equilíbrio e dificuldade de saltar, em atividades mais vigorosas.



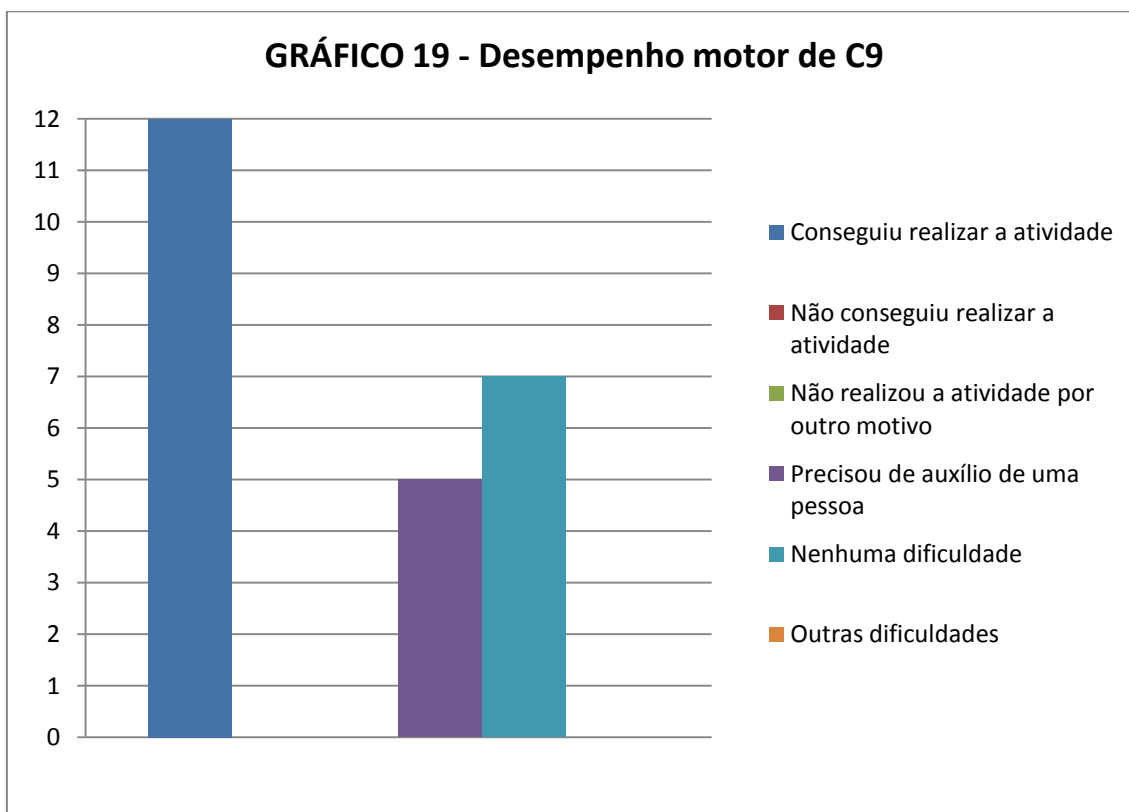
Analisando o gráfico 18, observa-se que C8 conseguiu realizar as 12 atividades em que participou, apresentando necessidade de auxílio de uma pessoa em 5 atividades, e demonstrando outras dificuldades em somente uma atividade.

A análise de C8 foi realizada observando 12 atividades, pois esta criança participou somente das aulas 1 e 3.

Esta criança tem Paralisia Cerebral, e apresenta paraparesia, necessitando de cadeira de rodas para locomoção no seu dia-a-dia. Porém, nas aulas no solo sua participação é sentada, e da mesma forma ela se locomove, através dos braços. Quando uma atividade exige mais velocidade ou movimentos que C8 não apresenta ainda condições de realizar, a mesma recebe o auxílio de acadêmicos.

Na atividade “Bate Pernas com Espaguete” da aula 1, C8 demonstrou outras dificuldades. O movimento de bater pernas ainda é realizado com dificuldade por C8, e nesta

atividade as crianças iam de um lado da piscina ao outro segurando uma prancha e batendo pernas. No início, C8 conseguiu realizar o movimento, porém demonstrou cansaço na metade do trajeto, completando o mesmo sem movimentar as pernas. Isso reforça a idéia de que a adequação deve sempre respeitar as possibilidades da criança, onde identificar os limites da mesma é fundamental na inserção durante as atividades.



Observando o gráfico 19, vemos que C9 realizou todas as 12 atividades que participou, necessitando de auxílio de uma pessoa em 5 delas.

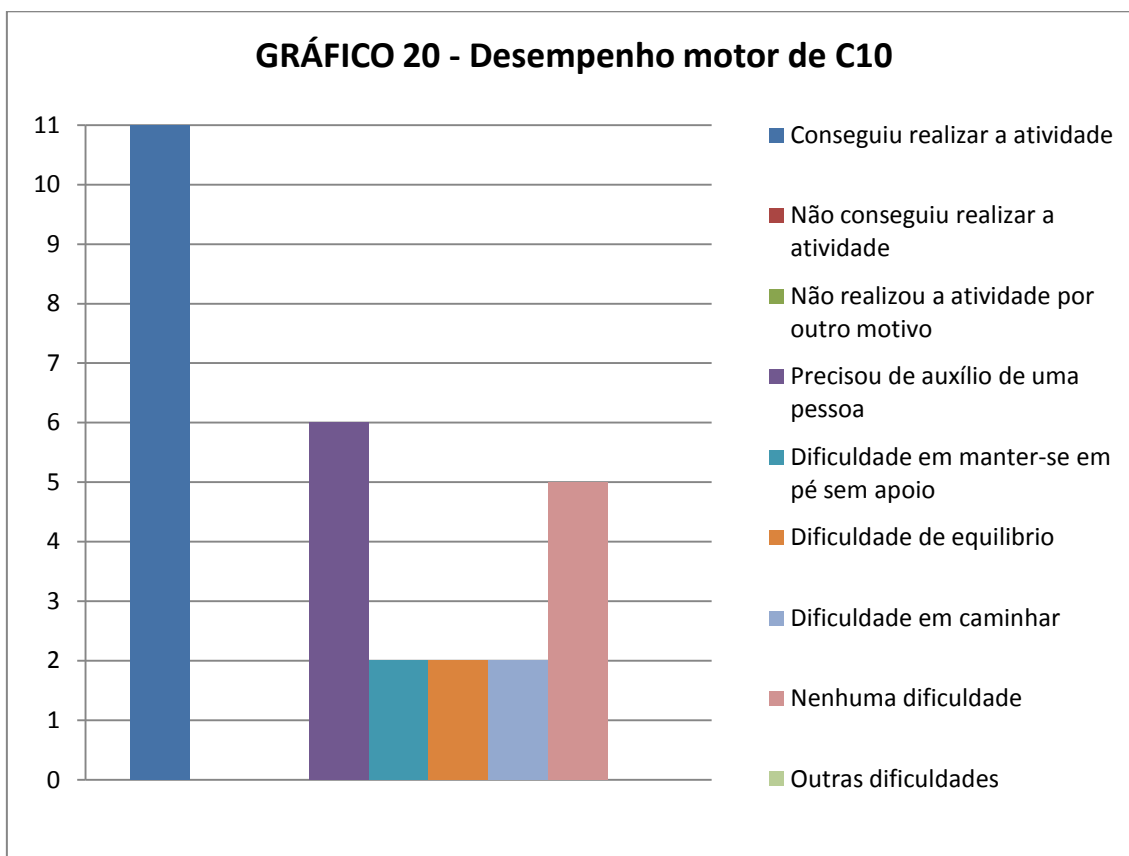
Foram observadas as 12 atividades pertencentes às aulas 1 e 3, aulas estas em que C9 esteve presente.

A deficiência desta criança é visual, onde a mesma depende de óculos com alto grau para enxergar. Apresenta desenvolvimento motor normal para a sua idade, e demonstrou isso nas atividades, pois não encontrou dificuldades nas aulas analisadas, apresentando todas as possibilidades.

Segundo Winnick (1990), a baixa visão pode causar a dependência social, o que acarreta em comprometimento no desenvolvimento motor. Através de uma estimulação adequada é possível minimizar os efeitos do retardo do desenvolvimento motor em decorrência da limitação dos estímulos visuais. Crianças com baixa visão devem ser

estimuladas visualmente constantemente, fazendo uso de tarefas lúdicas, utilizando diferentes distancias em brincadeiras de arremesso, diferentes tamanhos de objetos e/ou bolas, etc.

O auxílio de uma pessoa é necessário quando se percebe certa dificuldade de compreensão visual por parte de C9. O acadêmico que acompanha esta criança na atividade ao perceber a dificuldade, passa a ajudá-la, com estímulos, demonstrações do movimento, entre outras adequações.



Analisando o Gráfico 20, observamos que C10 conseguiu realizar todas as 11 atividades que participou, necessitando de auxílio de outra pessoa em 6 delas. Além disso, apresentou dificuldades de equilíbrio, caminhar e manter-se em pé sem apoio em duas oportunidades durante as aulas analisadas.

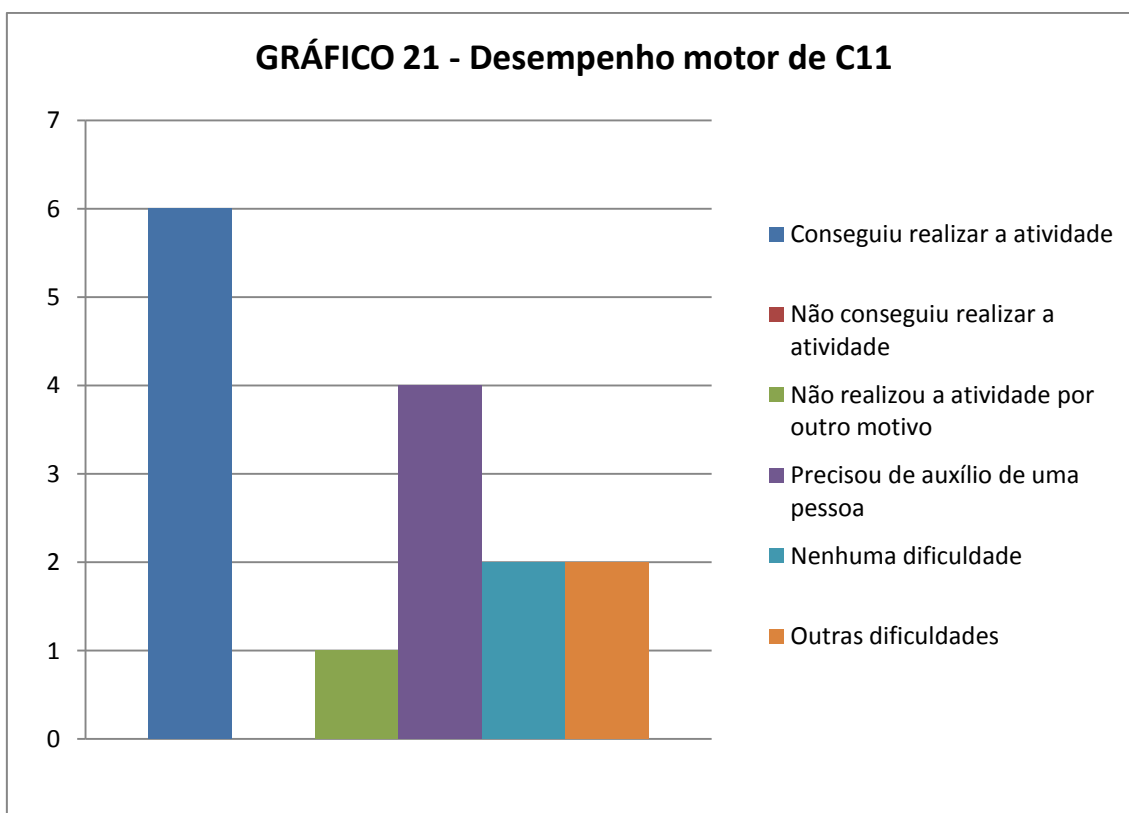
A análise do comportamento motor de C10 foi realizada em 11 atividades, pois esta criança participou somente das aulas 1 e 2.

Sua deficiência é a Paralisia Cerebral, C10 apresenta também hipertonia. Nas atividades “Passando a montanha” e “Circuito” da aula 2, C10 demonstrou dificuldades de manter-se em pé sem apoio, dificuldades de equilíbrio e dificuldade de caminhar. Na primeira atividade citada, C10 ao subir nos steps, demonstrou muita dificuldade em descer, devido à falta de equilíbrio, e também manter-se em pé sem apoio, necessitando o tempo todo

de um acadêmico lhe segurando pelo braço. Na atividade “Circuito”, C10 também demonstrou dificuldades de equilíbrio e manter-se em pé sem apoio em todas as estações que exigiram tais quesitos, além da dificuldade pra caminhar em uma estação, onde precisou de auxílio para realizar tais atividades. Essa dificuldade ficou acentuada nestas duas atividades até devido a quantidade e complexidade de movimentos que as mesmas exigiam, pois C10 já apresenta naturalmente dificuldade de locomoção, necessitando de muletas.

Na atividade “Estouro da manada” C10 também teve dificuldades de caminhar, demonstrada esta dificuldade principalmente no início. O acadêmico que o auxilia passou a lhe segurar pela cintura, posicionando-se atrás de C10. Isso fez com que a criança passasse a ter mais autonomia no movimento de caminhar e ficou com os braços livres, podendo assim agarrar os colegas que passassem correndo próximo a ele.

As dificuldades de C10 concentraram-se nas atividades realizadas no solo. Evidentemente, seu comprometimento teve interferência relevante nesse resultado, porém o seu desempenho na piscina foi muito bom, onde não apresentou dificuldades. De acordo com Rocha et al. (2009) a natação diminui a rigidez muscular, aumenta a amplitude de movimento, o equilíbrio e a força do portador. Desta forma, percebe-se a importância do trabalho de um profissional de Educação Física no tratamento do portador de Paralisia Cerebral.



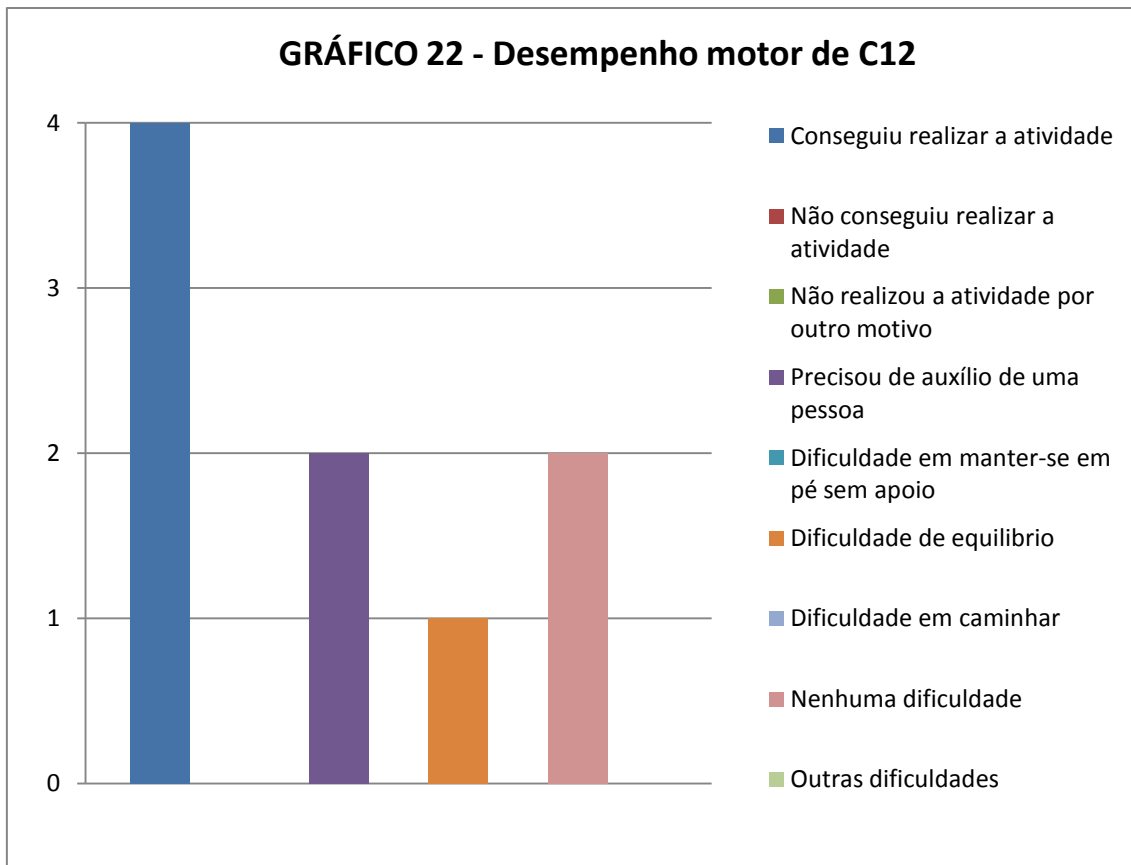
Analisando o gráfico 21, observamos que C11 realizou 6 das 7 atividades que participou, deixando de realizar 1 atividade por outro motivo. Necessitou ainda de auxílio de uma pessoa para realizar 4 atividades, e apresentou outras dificuldades em 2 oportunidades.

A participação de C11 conta com 7 atividades, pois esta criança esteve presente somente na aula 1.

A atividade “Guerra de Bolinhas” não foi realizada por C11 devido ao seu déficit de atenção e comportamento inadequado no momento da brincadeira. Foi também nesta atividade que C11 encontrou outras dificuldades. Durante toda a atividade, C11 se mostrou contrariado a participar, e quando requisitado apresentava movimentos bruscos com a perna e os braços, mostrando dessa maneira que não queria participar naquele momento. Como ele tem Paralisia Cerebral Espástica, foi necessário adequar a criança com espaguete formando uma “bóia”, para que assim o acadêmico conseguisse auxiliá-lo com maior facilidade durante as atividades.

A outra atividade que C11 também apresentou outras dificuldades foi a primeira, “Bate Pernas com Espaguete”. Como já citado, foi realizada uma adequação com espaguete para que C11 ficasse boiando na piscina, e no início ele encontrou dificuldades com os espaguete que formavam essa bóia, tentando se livrar do material, fazendo com que o foco da atividade fosse perdido. Entretanto, conseguiu realizar posteriormente a primeira atividade, locomovendo-se através do movimento de bater pernas.

Apesar da criança portadora de lesão cerebral não aprender da mesma forma que o restante das crianças por apresentar dificuldades motoras, comportamentais e comunicativas as atividades influenciam positivamente na sua qualidade de vida. (ROCHA 2009).



Analisando o Gráfico 22, observamos que C12 participou ao todo de 4 atividades, e conseguiu realizar todas elas. Em 2 atividades, necessitou de auxílio de uma pessoa, já em uma atividade apresentou dificuldades de equilíbrio.

A análise feita do comportamento motor de C12 conta com as quatro atividades da aula 2, pois foi esta a única aula em que a mesma esteve presente.

Portador de Síndrome de Down, C12 necessitou de auxílio do acadêmico nas atividades “Passando a montanha” e “Circuito”. Na primeira atividade, apresentou dificuldade em subir os steps, demonstrando inclusive um pouco de medo ao descer, pois não sabia se pulava ou se descia primeiramente com uma perna, demonstrando também dificuldades de equilíbrio nesse momento. O acadêmico passou a auxiliá-lo de mãos dadas, incentivando a criança a fazer os movimentos lentamente, sem pressa.

Já na atividade “Circuito” foi necessário somente o auxílio de um acadêmico. Nas estações que exigiam mais coordenação e equilíbrio ele foi sendo acompanhado, novamente de mãos dadas.

Indivíduos portadores da síndrome de Down apresentam problemas de equilíbrio, segundo Shumway-Cook e Woolacott (1985). De maneira geral, esses problemas parecem estar associados ao problema da hipotonia, sobretudo da musculatura do tronco, e ao fato dos

indivíduos portadores da Síndrome de Down utilizarem tardiamente a informação visual para auxiliar no controle postural. Porém, existe uma possibilidade de melhora tanto de equilíbrio estático, quanto dinâmico, visto que ganhos acentuados nessa capacidade têm sido encontrados a partir de diferentes programas de intervenção. (SHUMWAY-COOK; WOOLACOTT, 1985).

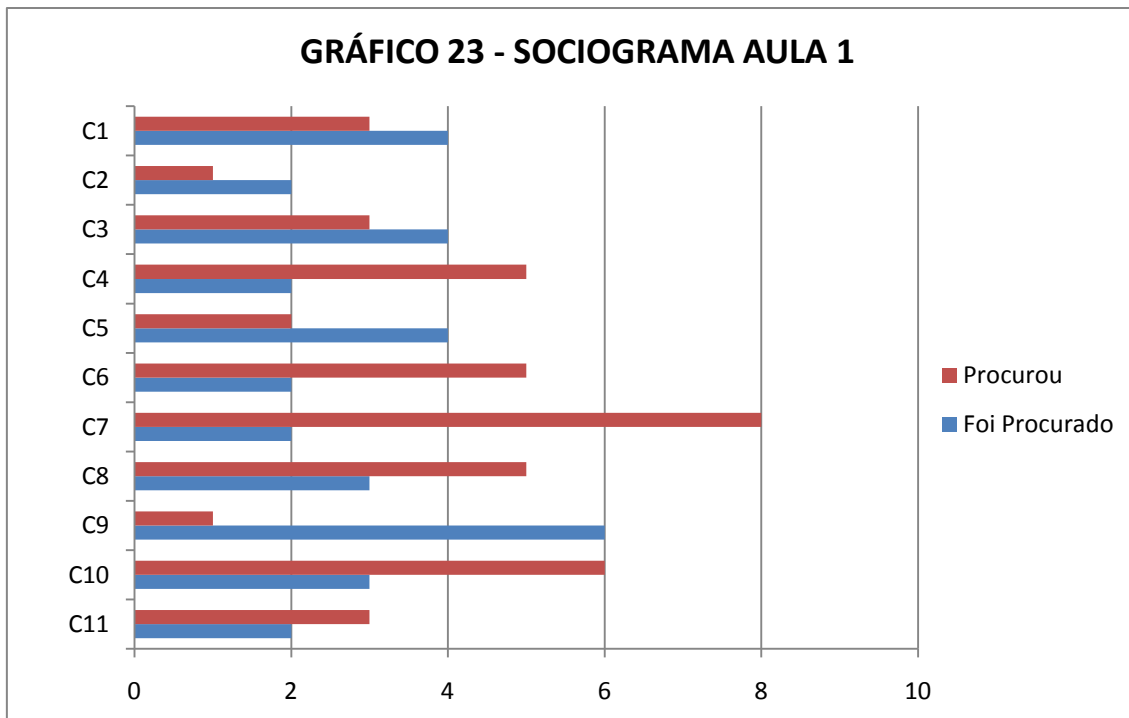
5.3 As relações interpessoais durante as aulas

Será realizada a partir daqui uma análise e discussão das relações interpessoais das crianças, criadas durante todo o tempo observado em aula, minuto a minuto em cada uma das 16 atividades analisadas.

Como instrumento para essa verificação do comportamento social das crianças foi utilizada a Matriz de Análise do comportamento Social (ZUCHETTO, 2001).

Vygotsky (1997) assinala que as deficiências provocam uma orientação social absolutamente particular comparada com a da pessoa “normal”. Essa alteração resulta, com grande frequência, em alterações e perturbações nas relações sociais. Todas as organizações sociais, vínculos, referências, papel e destino são cortados pela influência de um tratamento social diferenciado desde a infância, no seio familiar, e continuado na ação social, que permanece no âmbito educacional. A prática ainda segrega crianças com necessidades especiais da escola regular (Kassar 1999). Para compreender este impasse social é importante analisar a influência da psicologia com uma orientação objetiva e de caráter racionalista e as práticas educacionais para as crianças com necessidades especiais, que em diferentes concepções trataram de isolá-las do contexto cultural.

Através dos Sociogramas, foi feita a contagem de vezes que cada criança procurou e/ou foi procurada, tanto por outras crianças como também por acadêmicos, o que podemos observar nos gráficos que seguem.



Através do Gráfico 23, observamos as interações sociais ocorridas na aula 1. A aula contou com 11 crianças, e todas elas estiveram presentes durante as 7 atividades realizadas durante a aula.

A criança que mais procurou foi C7, ao todo oito procuras. Trata-se de uma criança muito ativa e participante nas aulas, e, conseqüentemente, socializa bastante com todos os seus colegas, assim como com os acadêmicos.

Assim como C7, C10 também participa ativamente das aulas, além de ser uma criança muito comunicativa, o que justifica a análise feita em cima de seu comportamento social. C10 procurou seus colegas e/ou acadêmicos seis vezes, enquanto foi procurado por três vezes.

Já C8 procurou cinco vezes e foi procurado três vezes. C8 é uma criança que se comunica muito bem com seus colegas, e apesar de ainda falar poucas palavras, interage com toda a turma e com os acadêmicos.

Assim como C8, a criança C6 procurou cinco vezes, mas foi procurada duas vezes. C6 apresenta deficiência auditiva, o que compromete sua comunicação com os demais colegas, porém, através do sociograma, observa-se que interagiu de forma semelhante à maioria dos seus colegas. A atividade física pode significar melhores condições de vida e maior inserção social. Para que se possa chegar a essa situação, é necessário conhecimento das técnicas de orientação, da língua dos surdos e, principalmente, respeito à individualidade presente entre as pessoas. (DIEHL, 2006).

A criança C4 também procurou cinco vezes e foi procurado duas vezes. Esta criança demonstra ótima relação com os demais colegas, procurando muitas vezes ajudá-los quando percebe alguma dificuldade alheia. Porém, apresenta hiperatividade, característica esta que por vezes dificulta sua comunicação, especialmente com acadêmicos que procuram orientá-lo durante as atividades.

Já a criança C1 procurou três vezes e foi procurada quatro vezes. Essa criança realiza as aulas no solo com cadeira de rodas, porém interage bem com as crianças e os acadêmicos, observando toda a aula com muita atenção. Participa bem das atividades, e a participação e estímulo por parte do acadêmico que o auxilia é fundamental para que além de socializar, ele consiga evoluir em aspectos motores e cognitivos. Devido ao seu comprometimento, sua interação na maioria das vezes se caracteriza por um próprio olhar, pois a comunicação pode ser feita através de gestos corporais, formas visuais, formas gráficas e as mais usuais, que são as formas verbais. (GALLAHUE; DONNELLY, 2008).

Assim como C1, a criança C3 procurou três vezes e foi procurada em outras quatro oportunidades. Essa criança tem Autismo, e costuma ter uma socialização menor comparado a outras crianças. Porém, nesta aula teve uma participação ativa, procurando colegas e sendo procurada por colegas e acadêmicos. Além disso, durante a aula demonstrou vontade e alegria em desenvolver as atividades. O acadêmico que acompanha C3 deve estimular o tempo inteiro a participação nas atividades, otimizando assim aspectos motores e sociais da mesma.

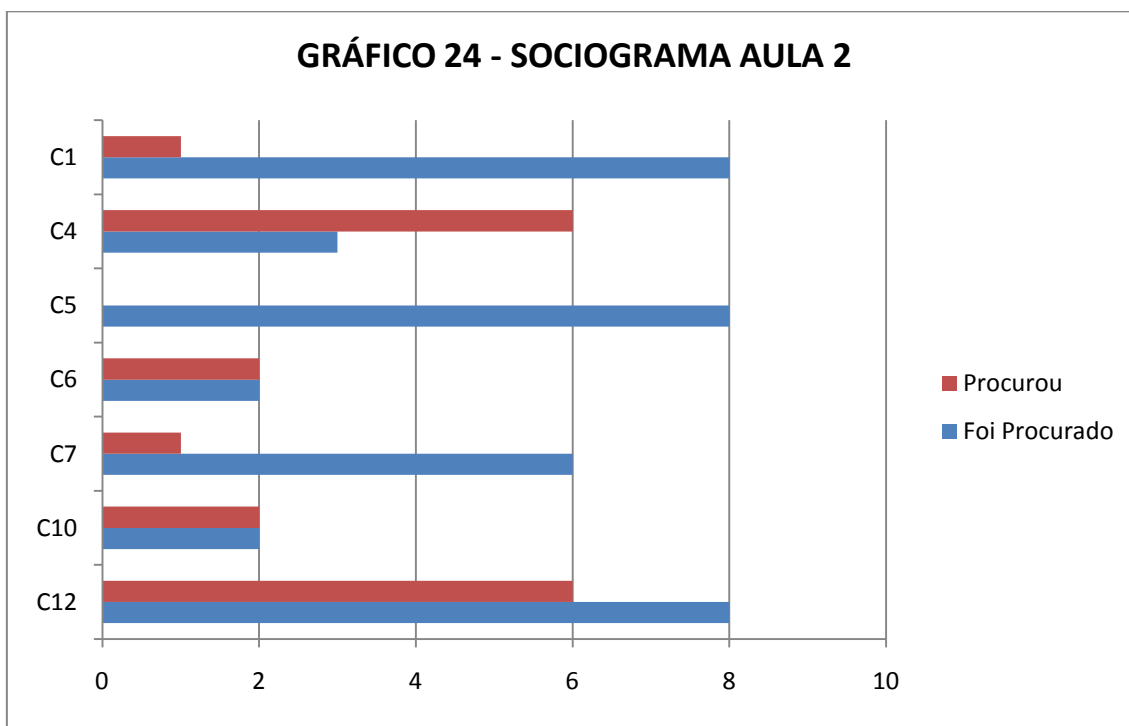
Já a criança C11 procurou três vezes e foi procurada duas vezes. C11 tem Paralisia Cerebral e quadriparesia, fazendo com que fique dependente de um acadêmico o auxiliando o tempo todo na piscina. As três oportunidades em que procurou, o fez com relação a acadêmicos, e, foi procurado duas vezes, por outras crianças. Sua relação com as outras crianças apresenta pouca ocorrência, pois C11 ainda não se comunica, e tem muita dificuldade em locomoção, dependendo diretamente do acadêmico para se movimentar.

A criança C5 procurou duas vezes e foi procurada quatro vezes. C5 tem deficiência visual, o que compromete significativamente sua relação interpessoal. Procurou duas vezes o acadêmico que o auxiliava, e foi procurado quatro vezes, e somente uma delas por outra criança. Sua participação na aula exige adequações freqüentemente, o que faz com que C5 fique mais direcionado às atividades propostas, e também ao acadêmico que o auxilia, na proposta de inserir C5 nos objetivos das brincadeiras. Esse fato contribui relevantemente para que C5 procure menos outras crianças.

Já a criança C9 procurou somente uma vez e foi procurada seis vezes. C9 também tem deficiência visual, mas ao contrário de C5, consegue enxergar através de óculos com alto

grau. Porém, trata-se de uma criança muito tímida, que interage pouco com colegas, apresentando relação melhor com o acadêmico que a auxilia. Apesar de interagir pouco com os colegas, C9 é uma criança muito participativa e muito atenta a tudo que acontece. Trata-se também de uma criança com apenas quatro anos, o que possivelmente justifica sua timidez e tom de voz baixo durante as atividades.

A criança C2 foi a que menos socializou na aula 1. Procurou somente uma vez e foi procurada duas vezes. Trata-se de uma criança autista, que apresenta dificuldades em participar das atividades. Procurou um acadêmico e foi procurado por outros dois acadêmicos, mostrando assim que sua relação interpessoal com seus colegas de turma é bem comprometida. As adequações durante as atividades com C2 são frequentes, onde o acadêmico deve procurar sempre incentivar e manter C2 participando das atividades, pois a mesma demonstrou durante bom tempo da aula vontade de abandonar as atividades, inclusive chorando em alguns momentos. De acordo com Prestes et al (2009), é possível por meio de intervenção motora junto a outras crianças, proporcionar a uma criança com autismo oportunidades para explorar o ambiente, bem como enriquecer suas interações sociais além do que costumava realizar. A ampliação de seu repertório motor aumenta sua competência a novos desafios e aos poucos, dentro de suas condições, seu desenvolvimento global é aperfeiçoado.



Analisando o Gráfico 24, observamos as interações de cada criança participante da aula 2. Foram ao todo 7 crianças, que participaram de todas as atividades propostas.

As crianças que mais procuraram durante toda a aula foram C4 e C12, apresentando cada uma seis ocorrências. A criança C4 participou muito bem de todas as atividades, interagindo bem com todos os seus colegas e acadêmicos. Foi procurada três vezes, por três colegas durante as brincadeiras. Assim como na aula analisada anteriormente, sua relação interpessoal com as demais crianças foi positiva, apresentando solidariedade e espírito de grupo junto às outras crianças, procurando, sempre que possível, ajudá-las. Como C4 apresenta hiperatividade, em alguns momentos sua interação com relação às atividades é prejudicada, o que requer bastante atenção dos acadêmicos presentes na aula. Já C12 foi procurado oito vezes, sendo quatro vezes por acadêmicos e outras quatro por outras crianças. Bastante participativo, interage bem com as demais crianças. C12 apresentou comportamento agressivo em duas atividades, e como apresenta uma estrutura física maior com relação às outras crianças, em alguns momentos os acadêmicos tiveram que intervir no seu contato com os demais colegas, pois havia o risco de C12 machucá-las.

Buscaglia (1997) relata que, “em muitos casos a atenção individual recebida durante a punição é recompensadora o suficiente para sustentar o comportamento negativo. Alguns comportamentos indesejáveis podem ser extintos pelo simples fato de não receberem atenção ou um reforço inadvertido, quando são ignorados”. Já para Mosquera (2003) a agressividade é um impulso primário, e estes são básicos para a compreensão da qualidade comportamental do indivíduo. Comportamentos sociais como a agressividade e a inibição refletem, embora de diferentes modos, uma dificuldade de relacionamento com os outros (MATOS, 1994).

Já as crianças C6 e C10 procuraram duas vezes e foram procuradas também duas vezes cada. C6 apresenta todas as possibilidades normais para uma criança de sua idade, e participou muito bem de todas as atividades, motivo este que o fez socializar menos, principalmente na atividade “Circuito”, onde C6 ficou entretido com as estações apresentadas. C6 foi procurado duas vezes por acadêmicos, uma ocorrência se justificou pela adequação a sua deficiência auditiva, e a outra com o objetivo de manter focada sua atenção em uma atividade, pois C6 apresenta também hiperatividade.

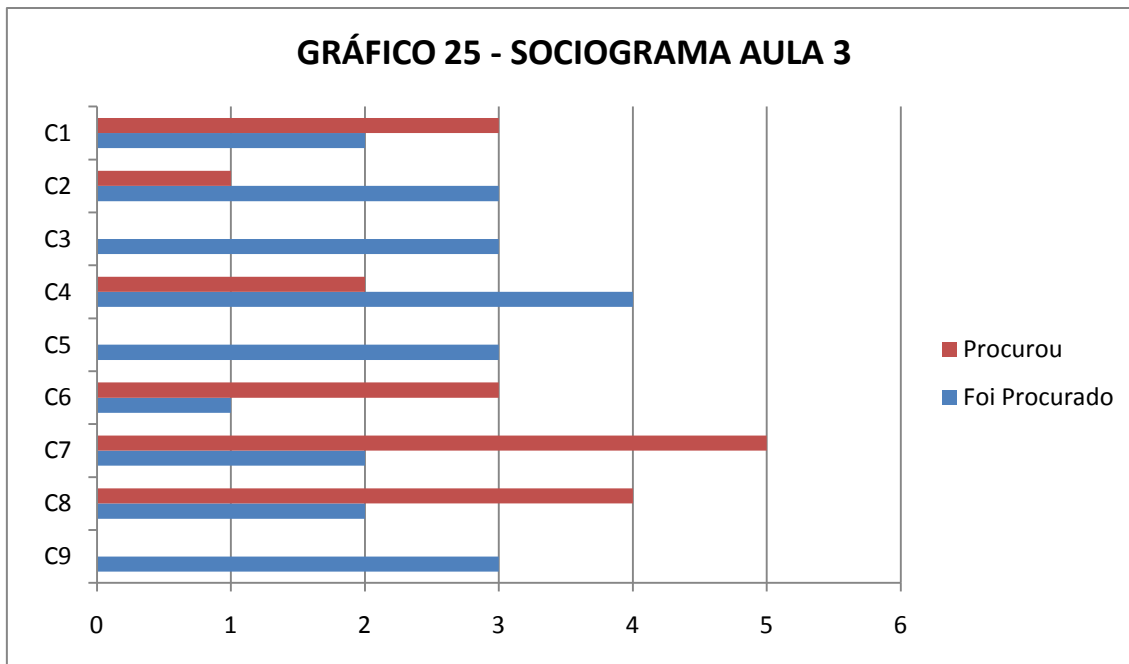
C10 também foi procurado duas vezes por acadêmicos, no intuito de possibilitar o mesmo a participar melhor das atividades. C10 tem Paralisia Cerebral e apresenta dificuldade de manter-se em pé e caminhar devido ao seu comprometimento, e, nesta aula, sua participação nas atividades foi excelente no aspecto motor, o que possivelmente diminuiu sua

relação interpessoal, pois se trata de uma criança muito comunicativa e de ótima relação com as demais crianças e acadêmicos.

Já a criança C1 procurou somente uma vez e foi procurada oito vezes. C1 necessita de cadeira de rodas, porém nesta aula, realizou duas das quatro atividades fora dela. Para isso, foram necessários dois acadêmicos auxiliando C1, que apresenta triplegia e deficiência auditiva. C1 foi procurado oito vezes, todas elas por acadêmicos. Essas ocorrências caracterizaram-se principalmente pelo aspecto de motivação, onde os acadêmicos auxiliavam C1 e também o estimulavam, através de gestos e sorrisos, o que era prontamente respondido por C1, através do entusiasmo que apresentava ao executar as atividades, especialmente fora da cadeira de rodas.

A criança C7 procurou uma vez somente por outra criança e foi procurada seis vezes, sendo três delas por crianças e outras três por acadêmicos. Como foi analisado anteriormente, C7 é uma criança muito ativa, e apresenta todas as possibilidades. Participou muito bem das aulas, porém socializou pouco, comparado ao que costuma socializar em outras aulas. Foi procurado três vezes por outras crianças no decorrer das atividades, e outras três vezes por acadêmicos, uma delas com o intuito de fazer com que C7 participasse mais de uma atividade e outras duas devido ao objetivo da brincadeira, onde C7 deveria mudar de atividade.

Já C5 não apresentou nenhuma ocorrência de procura, e foi procurado em oito oportunidades. C5 apresentou um comportamento inadequado nesta aula, demonstrando em vários momentos indisposição em participar das atividades, o que certamente interferiu no seu comportamento social. Das oito vezes que foi procurado, seis delas foram por acadêmicos, todas elas com o intuito de adequação para inserir C5 nas atividades. Outras duas procuras foram por parte de duas crianças diferentes, uma delas durante uma brincadeira, e outra com o objetivo de ajudar C5 a realizar uma atividade, em que C5 se encontrava deitado no chão, atitude esta repetida algumas vezes durante a aula, como forma de negação a participar das atividades. Para Diehl (2006), geralmente as crianças com deficiência visual por possuírem uma educação geral não muito adequada e pouca estimulação, apresentam um desempenho inferior na parte motora, cognitiva e social-afetiva, comparando-se com aquelas que não possuem essa deficiência.



De acordo com o Gráfico 25, é possível analisar o relacionamento interpessoal ocorrido na Aula 3. Esta aula contou com 5 atividades, e participaram dela 9 crianças, que participaram de todas as atividades, com exceção de C1, que participou somente das duas primeiras atividades.

Nesta aula, C7 foi a criança que mais procurou, ao todo cinco ocorrências, sendo procurada somente duas vezes. C7 participou bem de todas as atividades, e procurou quatro crianças durante as brincadeiras, mostrando boa relação com toda a sua turma. Procurou uma vez um acadêmico devido a uma dúvida, pois não havia prestado atenção em uma atividade. Foi procurada duas vezes por um acadêmico, que o acompanhava durante a atividade.

A criança C8 foi a segunda que mais procurou nesta aula, apresentando quatro ocorrências, e, assim como C7, foi procurada somente duas vezes. Procurou duas crianças durante as brincadeiras, com o objetivo de brincar com as mesmas, e outras duas vezes procurou por acadêmicos, com o intuito de demonstrar que havia aprendido a “bater pernas” dentro da piscina com maior velocidade. Participou muito bem de toda a aula, demonstrando sempre alegria e vontade de realizar as atividades, o que mostra a importância da atividade física e do professor de Educação Física, que exerce papel fundamental no processo de reabilitação de um indivíduo com Paralisia Cerebral, seja ele uma criança, um adolescente ou um adulto. Independente da idade, a atividade física e o lúdico muito podem auxiliar um paralisado cerebral na execução de suas atividades de vida diária, nas suas atividades de lazer, de trabalho e, principalmente de socialização. (BENFICA, 2009).

As crianças C1 e C6 procuraram cada uma três vezes. C1 foi procurado duas vezes, enquanto C6 somente uma vez. C1 procurou outras três crianças, todas elas com a justificativa de participar de brincadeiras juntos, durante as atividades. Foi procurado duas vezes, sendo ambas por acadêmicos, com o intuito de adequar materiais que facilitassem a prática das atividades. Já C6 procurou duas vezes a mesma criança, buscando alcançar o objetivo da atividade, e procurou um acadêmico, buscando ajuda para “fugir” de outra criança, durante a atividade. C6 foi procurado somente uma vez por outra criança, e correspondeu, participando em dupla durante certo período dentro da atividade.

A criança C4 procurou duas vezes, e foi procurada outras quatro vezes. As duas ocorrências em que procurou, a fez com outras crianças, com o intuito de seguir as regras da brincadeira que era realizada no momento. Das quatro vezes em que foi solicitado, duas foram por crianças e outras duas por acadêmicos. As crianças o procuraram com o intuito de participar em conjunto durante a atividade, e os acadêmicos procuraram C4 buscando sua interação com a aula, e melhor participação. Como analisado anteriormente, C4 por apresentar hiperatividade, fica em alguns momentos disperso dos objetivos da aula.

Já C2 procurou somente uma vez e foi procurado três vezes. Procurou uma criança, tentando segurar a touca da mesma, durante uma brincadeira. Foi procurado por outra criança, que tentou conseguir sua ajuda para realizar uma determinada atividade, e outras duas vezes foi procurado por acadêmicos, com o objetivo de incluí-lo nas atividades. C2 apresenta autismo, e seu comprometimento é alto, o que afeta sua participação na aula, e, conseqüentemente, seu comportamento social. Participou pouco das atividades, demonstrando insegurança na piscina, e, portanto, socializou muito pouco. De acordo com Gauderer (1992), o autismo está relacionado à ausência de empatia e compreensão social e, também, à incapacidade generalizada de colocar as coisas num contexto mais amplo e que faça sentido.

As crianças C3, C5 e C9 não apresentaram nenhuma ocorrência de procura, enquanto foram procuradas em três oportunidades cada uma delas. C3 tem autismo, e não procurou por nenhuma criança durante as atividades, apesar de ter participado bem, realizando todas as tarefas. Foi procurada três vezes, duas delas por crianças, com o intuito de brincar com C3, e outra por um acadêmico, na tentativa de adequar material para facilitar a participação de C3 em uma atividade.

Já C5 tem deficiência visual, mas apresenta excelente comportamento dentro da piscina. Não procurou por nenhuma criança ou acadêmico, e foi procurado três vezes, sendo duas delas por outras crianças com o propósito de brincadeira, e outra por um acadêmico, durante uma atividade em que foi necessário uma adequação, através de sons, para que C5

conseguisse realizar a atividade. Por fim, C9, que também apresenta deficiência visual, porém com comprometimento bem menor, também não realizou nenhuma ocorrência de procura e também foi procurada em três oportunidades. Três crianças procuraram C9 de acordo com o objetivo da atividade, e C9 respondeu positivamente, participando da brincadeira com as demais crianças. C9 apresenta ótimo comportamento durante a aula, e realiza todas as atividades, porém sua timidez limita seu comportamento social, onde suas ocorrências de procura são abaixo da média dentro da turma.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas aulas analisadas, conclui-se que os participantes realizaram as atividades propostas conforme as suas possibilidades, a partir do momento em que as adequações, quando necessárias, eram realizadas.

Os instrumentos utilizados para análise das aulas auxiliaram positivamente, proporcionando condições de averiguar com exatidão os números referentes ao aspecto motor e social das crianças.

De maneira geral, os resultados deste estudo revelam que a intervenção pedagógica proposta pelo programa AMA é muito positiva para o desenvolvimento de diversos aspectos junto às crianças. Através do auxílio dos graduandos do curso durante todo o semestre, as crianças têm a oportunidade de exercer atividades lúdicas em conjunto, o que é fundamental para o desenvolvimento motor e social das mesmas.

Referente às aulas analisadas neste estudo, conclui-se que, com relação à gestão do tempo, a aula de melhor aproveitamento foi a aula 3, realizada na piscina, enquanto a com menor aproveitamento foi a aula 2, no solo. Já com relação ao comportamento social, a aula que apresentou mais interações foi a aula 1, com 75 ocorrências de relação interpessoal em sete atividades com onze crianças presentes, enquanto a que apresentou menor número foi a aula 3, com 42 ocorrências em cinco atividades com nove crianças participantes. Ambas as aulas foram realizadas na piscina.

Analisando o comportamento motor nas três sessões, conclui-se que a aula 2, realizada no solo, apresentou uma demanda maior de adequações para que as atividades fossem realizadas igualmente por todas as crianças. Importante ressaltar que a aula 2 contou com sete crianças, enquanto as aulas 1 e 3 tiveram, respectivamente, onze e nove crianças participantes.

Portanto, através deste estudo percebe-se que mesmo com todas as crianças apresentando variados comprometimentos, a atividade motora adaptada é fundamental para o desenvolvimento das mesmas.

Desta maneira, salienta-se que as respostas aos estímulos são diferentes para cada criança, assim como a evolução de cada uma delas perante as diferentes atividades que seguiram durante o semestre. Reforçando a importância de respeitar sempre a individualidade de cada uma das crianças, durante o planejamento, organização e a execução de qualquer atividade, seja ela realizada no solo ou na piscina.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. A. **Deficiência: questões conceituais e alguns de seus desdobramentos.** Cadernos de Psicologia. Minas Gerais, 1996. 1 (1), 3-12
- BENFICA, D. T. **Estudo de caso: análise da contribuição da prática psicomotora nas atividades cotidianas de um paralisado cerebral.** In: VII Simpósio de Extensão Universitária, 2009, Viçosa, MG.
- BODGAN R, Biklen S. 1994. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Editora Porto; 335p
- BRACHT, V. (et al.) **Pesquisa em ação: educação física na escola.** Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2003.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- _____. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Juarez de Oliveira (Org). São Paulo : Saraiva, 1996.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. **Curso de Capacitação de Professores em Educação Física adaptada.** 1. ed. Brasília: MEC, 2002.
- _____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,** n. 9.394/96. Brasília, 1996.
- BUSCAGLIA, Leo. **Os deficientes e Seus Pais.** Rio de Janeiro: Record Nova Era, 1997.
- CAPELLINI, V.M.F., RODRIGUES, O.M.P.R. **Concepções de professores acerca dos fatores que dificultam o processo da educação inclusiva.** Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 355-364, set./dez. 2009.
- CARVALHO, E. N. S.; MACIEL, D. M. M. A. **Nova concepção de deficiência mental segundo a American Association on Mental Retardation - AAMR: sistema 2002.** Temas em Psicologia da SBP, v. 11, n.2, p. 147 – 156, 2003.
- CARVALHO, R. E. **A nova LDB e a Educação Especial.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- CASTELLI, D. P.; FONTES, M. S. **Futebol paraolímpico: manual de orientação ao professor de Educação Física.** Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

CONDE, A. J. M.; SOBRINHO, P. A. S.; SENATORE, V. **Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação ao professor de Educação Física**. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

COOLEY, W. C.; GRAHAM, J. M. **Down syndrome: An update and review for the primary pediatrician**. *Clinical Pediatrics*, v.30, p. 233-253, 1991.

DA SILVA, E. L. MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa Aplicada e Elaboração de Dissertação**. 3 ed. Santa Catarina: ed. Revista Atual, 2001.

DIEHL, R.M. **Jogando com as Diferenças: jogos para crianças e jovens com deficiência**. São Paulo- SP. Phorte, 2006.

DUARTE, E; LIMA, S. T. **Atividade Física para Pessoas com Necessidades Especiais**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

FERREIRA, J. R. **Políticas públicas e a universidade: uma avaliação dos 10 anos da Declaração de Salamanca**. In: OMOTE, S. *Inclusão: intenção e realidade*. Marília, SP: Fundepe Publicações, 2004.

FIGUEIRA; A.M.M; **Assistência fisioterápica à criança portadora de cegueira congênita**. *Revista Nossos Meios*, Dezembro, 1996.

FRANÇA, C.; ZUCHETTO, A.T. **Comportamento Social de Portadores de Síndrome de Down em Contexto de Atividade Motora Adaptada**. *Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada – Sobama*. Vol.9 N°1, pp. 15-24. Dezembro, 2004.

FUGITA, M. **A percepção do próprio nadar, de nadadores deficientes visuais e nadadores videntes**. 2002. 81f. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação Física, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2002.

GALLAHUE, D.L; Donnelly, Frances Cleland. **Educação Física Desenvolvimentista para todas as crianças**. 4. Ed. São Paulo; Phorte, 2008.

_____.; OZMUN, John C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo, Ed. Phorte, 2005.

GAUDERER, C.E. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: Uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais. Retardo mental, deficiência mental, atraso do desenvolvimento**. Brasília: CORDE, 1992.

GODÓI, A.de. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: deficiência física**. 4. ed. Brasília, 2006.

GORGATTI, M. G; COSTA, R.F. **Atividade Física Adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. Barueri - Sp: Manole, 2005.

KASSAR, M. C. M. **Deficiência múltipla e educação no Brasil: discurso e silêncio na história de sujeitos**. São Paulo: Autores Associados, 1999.

KREBS, Patricia. Retardo Mental. In: WINNICK, Joseph P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. 3.ed. São Paulo: Manole, 2004, cap.8 p.125-143.

LIMA, D.M.A. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez**. 4. ed. Brasília, 2006.

LIMA, E.C.P.; ZUCHETTO, A.T. **A Contribuição da dança nas aquisições de movimento e expressão dos deficientes visuais**. Cinergis, Santa Cruz do Sul. V.4, n.1, p.155-164, jan./jun. 2003.

LOPES, V. P.; SANTOS, M. Z. B. **Desenvolvimento das habilidades motoras básicas em crianças portadoras de deficiência intelectual**. Lecturas: Educacion Fisica y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, ano 8, n. 50, 2002.

LORENZINI, M.V. **Brincando a brincadeira com a criança deficiente: novos rumos terapêuticos**. Barueri: Manole, 2002.

LUCKASSON, R.; BORTHWICK-DUFFY, S.; BUNTINX, W. H. H.; COULTER, D. L.; CRAIG, E. M.; REEVE, A.; SNELL, M. E. **Mental Retardation – definition, classification, and systems of support**. Washington, DC: American Association on Mental Retardation, 2002.

MALTA, J.; ENDRISS, D.; RACHED, S.; MOURA, T.; VENTURA, L. **Desempenho funcional de crianças com deficiência visual, atendidas no Departamento de Estimulação Visual da Fundação Altino Ventura**. Arquivos Brasileiros de Oftalmologia, v.69, n.4, p. 571-574, 2006.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: caminhos e descaminhos, desafios, perspectivas**. In: Revista Outro Olhar, Ano IV, nº 4. Belo Horizonte: outubro, 2005.

MATOS, M.D. de. **Corpo, Movimento & Socialização**. Rio de Janeiro. Sprint. 1994.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil: História e Políticas Públicas**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MELLO, N. C. de. **Que educação é essa? - in: Educação Especial: olhares interdisciplinares**. LEBEDEFF, Tatiana Bolívar; PEREIRA, Isabela Lima e Silva. Passo Fundo Ed. UPF 2005.

MORETTO, V.A.; ZUCHETTO, A.T. **Análise do Desenvolvimento Social em indivíduos com diferentes deficiências**. Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada – Sobama. Vol.9 Nº1. Dezembro, 2004.

MOSQUERA, J.J.M. **Personalidade Infantil: aprendizagem e desenvolvimento social**. Em: R.J. Krebs et al. (Orgs.), Os processos desenvolvimentais na infância (pp. 69-80). Belém: GTR

NUNES, R. L.; GODOY, J. R. P.; BARROS, J. F. **Efeitos de um programa de exercícios resistidos em indivíduos adultos portadores de deficiência mental.** Lecturas: Educacion Fisica y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, ano 9, n 64. p 1-25, 2003.

OLIVIER, A.C.S.C. & ZUCHETTO, A.T. Perfil dos Portadores de Síndrome de Down em Florianópolis. In: **Congresso Brasileiro e Latino-Americano sobre Síndrome de Down, 2,** Brasília. Aneliseis do Encontro Latino-Americano sobre Síndrome de Down. Jun. 1997, p.202-215.

PASETTO, S. C. & ARAÚJO, P. F. **Os efeitos da utilização de dicas visuais no processo de ensino-aprendizagem de habilidades motoras para aprendizes surdos.** Dissertação de mestrado/ Unicamp, 2004.

PITANGA, F.J.C. **Epidemiologia da Atividade Física, Exercício Físico e Saúde.** 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2004.

PRESTES, D.B.; AMARO, K.N.; ARAB, C.; NETO, F.C. **Avaliação e intervenção motora em uma criança autista.** EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires – Año 14 – Nº138 - Nov/2009.

RICHARDSON, V. In: **Aprender a Ensinar.** Disponível em: <[http://www.deb.min - Edu.pt/revista8/ponto_vista04.htm](http://www.deb.min-Edu.pt/revista8/ponto_vista04.htm)> Acesso em 10 de abril 2011.

ROCHA, J.C.; OLIVEIRA, J.S.; ROCHA, S.V. **A natação como tratamento alternativo para crianças portadoras de paralisia cerebral. Um estudo de caso.** Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - Nº 130 – 2009.

ROSADAS, S. C. de. **Atividade Física Adaptada e Jogos Esportivos para o Deficiente. Eu posso. Vocês duvidam?** Rio de Janeiro / São Paulo: Atheneu, 1989

_____. **Educação Física Especial para Deficientes.** Rio de Janeiro. Atheneu, 1991.

_____. **Educação Física e prática pedagógica: portadores de deficiência mental.** Vitória: UFES. Centro de Educação Física e Desportos, 1994.

SASSAKI, R.K. **Vida independente: história, movimento, liderança, conceito, reabilitação, emprego e terminologia.** São Paulo: Revista Nacional de Reabilitação, 2003, p. 1236.

SCHMITT, BD, SANTOS, B., SIQUEIRA, MGA. MIRANDA, TB, ZUCHETTO, AT. **Educação física adaptada - análise da distribuição de tempos nas aulas.** Lecturas, Educacion Física y Deportes, Revista Digital , Ano 15, no. 152, Enero 2011| ISSN 1514-3465

SHERRILL, C. **Adapted physical activity, recreation and sport – cross disciplinary and lifespan.** Boston, MA: Willian C Brown/McGraw Hill; 2004.

SHUMWAY-COOK, A.; WOOLLACOTT, M. H. **Dynamics of postural control in the with Down Syndrome.** Physical Therapy, v. 65, p.1315-1322, 1985.

SILVA, S.M.M da. **Avaliação e intervenção sócio-neuromotora de crianças com marasmo na primeira infância.** Campinas, SP: [s. n.], 1998.

SILVEIRA, C. A.; ZUCHETTO, A. T. **O Comportamento Social e Motor de PNEs Durante Sessão de Atividade Motora Adaptada.** Livro de Artigos. 17^o Congresso Internacional Educação Física, Desporto e Recreação. FIEP. Foz do Iguaçu. PR. 2002.

SIQUEIRA, M. G. A. de; SCHMITT, B. D.; CLEMENTE, P.; RANGEL, E. T.; ZUCHETTO, A. T. **Adequações necessárias para o engajamento de crianças com paralisia cerebral em atividade motora adaptada.** In: Anais.10^o Fórum Internacional de Esportes. Florianópolis, 2011. CD-ROM.

SOLER, R. **Educação física inclusiva: em busca de uma escola plural.** Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

SOUZA; M.C; Oliveira; F.W.C.; Ferreira; G.C.A; Almeida; G.J.J; **A Educação Física e suas contribuições em um programa de orientação e mobilidade para crianças deficientes visuais.** EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, ano 10, n. 90, Dezembro, 2005.

STRATFORD, B. **Crescendo com a síndrome de Down.** Coordenadoria Nacional para a integração da pessoa portadora de deficiência (CORDE). Brasília, 1997.

STRAY-GUNDERSEN, K. **Crianças com síndrome de down: guia para pais e educadores;** tradução: Maria Regina Lucena Borges-Osório. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

VYGOTSKY, L.S. **Obras escogidas: fundamentos de defectología.** Tomo V. Madrid: Visor, 1997.

WINNICK. J.P. **Adapted Physical Education and Sports.** Illinois: Human Kinetics. 1990.

_____. **Educação Física e Esportes Adaptados.** 3 ed. Barueri - SP: Manole, 2004.

ZUCHETTO, A. T. **A trajetória de Laila no AMA: Histórias entrelaçadas.** [Tese de Doutorado] Campinas, SP: Programa de Pós-graduação Saúde da Criança e do Adolescente, Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, 2008, f. 210.

_____. **Relatório AMA - Atividade Motora Adaptada.** Relatório DEF-CDS- UFSC, Florianópolis - SC, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A

PLANO DE AULA – AULA 1

AULA NA PISCINA 18/04/2011 - ATIVIDADES RÍTMICAS

Atividade 1: Bate-Pernas com Espaguete.

Descrição: Cada criança com um espaguete, ir até a outra borda e voltar batendo pernas, com o intuito de aquecer e acostumar as crianças com o meio líquido.

Atividade 2: Nunca 4.

Descrição: Haverá um pegador, quem ele pegar terá de dar a mão para o pegador e ajudá-lo a pegar, quando forem pegas quatro pessoas o grupo se dividirá em duas duplas, que continuarão pegando, sempre que o grupo ficar com quatro pessoas, se divide formando duas duplas.

Atividade 3: Guerra de Bolinhas.

Descrição: Os alunos deverão se dividir em dois grupos, cada um deverá ficar de um lado da piscina, que será dividida por uma rede de voleibol. Em cada lado da piscina será distribuídas bolinhas de plástico de modo que, cada lado tenha um número igual de bolinhas. Ao sinal do professor, os alunos devem jogar as bolinhas para o outro lado. Será marcado um tempo previamente estipulado, ao final desse tempo o professor dará outro sinal e os alunos devem parar de lançar as bolinhas. Será feita a contagem e o grupo que tiver menos bolinhas em ‘seu campo’ será o grupo vencedor.

Atividade 4: Bolinhas no Cesto.

Descrição: Formam-se dois círculos de espaguetes na piscina, um maior e outro menor. No círculo menor as crianças deverão colocar todas as bolas amarelas, e no maior as demais bolinhas. Após terminarem, deverão levá-los até a borda da piscina batendo pernas, onde irão guardar as bolinhas no Cesto.

Atividade 5: Batata-Quente.

Descrição: Será formada uma roda, e uma pessoa ficará de fora da roda e de costas, a bola vai ficar passando entre os que estão na roda, e a pessoa que estiver do lado de fora vai falar “batata quente, quente, quente, quente,... QUEIMOU” a hora que for falado queimou, quem estiver com a bola na mão, terá que pagar uma prenda que será mergulhar e na hora que subir à superfície falar

seu nome bem alto. Depois de fazer isso vai para fora da roda ficar no lugar de quem estava falando.

Atividade 6: Pula Macaquinho.

Descrição: As crianças formarão um círculo e cantarão a música ‘Pula Macaquinho’ girando ao redor da piscina. No final da música todas as crianças devem mergulhar.

Atividade 7: Sai Tainha.

Descrição: Atividade cantada. Os alunos formarão uma fila e darão uma volta ao redor da piscina (junto à borda), cantando a música da Tainha, já conhecida pela maioria dos alunos. Os alunos ao terminarem a volta, sairão pela rampa finalizando a atividade.

APÊNDICE B

PLANO DE AULA – AULA 2

AULA NO SOLO 25/04/2011 - ATIVIDADES DE AUTOCONTROLE

Atividade 1: Estouro da manada!

Descrição: Os alunos devem ficar em um lado da sala, próximos a parede. Um acadêmico fica no meio da sala e convoca uma ou mais crianças para ultrapassarem o meio da sala, com o objetivo de chegar ao outro lado. O acadêmico que está no meio deve tentar pegar uma das crianças. Caso consiga pegar uma, esta ficará no meio com ele e as crianças que ultrapassarem tem de gritar em seguida. ‘Estouro da manada!’. As demais crianças tentarão ultrapassar o meio da sala, todas juntas e os que estão no meio tentarão pegar o máximo de crianças que conseguirem.

Atividade 2: Passando a montanha.

Descrição: Ainda dividida em 2 grupos, cada grupo terá um nº de bolinhas. O objetivo é atravessar a montanha formada por steps e colocar a bolinha no cesto. A equipe que realizar primeiro vence a brincadeira. A criança deve ir e voltar pela montanha de steps. Quando chegar de volta ao grupo, parte a próxima criança.

Atividade 3: Circuito

Descrição: É formado na sala um circuito onde todas as crianças passarão por cada estação, sendo elas:

- Uma escada formada por steps;
- Um túnel formado por steps;
- Pular na cama elástica;
- Passar por cima do banco (ponte);
- Passar pelos bambolês (pedras);
- Rolamento na lama;

Atividade 4: Música dos Animais

Descrição: Cantar e gesticular de acordo com a música.

APÊNDICE C

PLANO DE AULA – AULA 3

AULA NA PISCINA 02/05/2011 - ATIVIDADES PRÉ-ESPORTISTAS

Atividade 1: Dança do Espaguete.

Descrição: Ficam à disposição vários espaguetes espalhados pela piscina. Ao som da música, todos irão dançar e se mover pela piscina. Assim que parar a música, as crianças devem procurar alcançar o espaguete mais próximo. Na próxima parada de música, as crianças devem alcançar um espaguete diferente. Nesse momento, é retirado um espaguete da piscina, fazendo com que seja paga uma prenda pela criança que não alcançar algum espaguete ao término da música.

Atividade 2: Pega Corrente.

Descrição: Alguma das crianças começa a atividade sendo o pegador. Conforme ela vai alcançando seus colegas, os mesmos passam a ajudá-la na busca dos demais, de mãos dadas, formando uma corrente. A atividade continua até que todas as crianças sejam alcançadas pela corrente.

Atividade 3: Pega Balão.

Descrição: Cada aluno receberá no início da atividade um balão cheio, preso a um barbante, que deverá ser amarrado na sua cintura. Ao sinal do professor, os alunos passam a tentar pegar o balão do colega. Ao final do tempo previamente estipulado, será feita a contagem de quem tem mais balão.

Atividade 4: Corrida dos Tapetes.

Descrição: Dividida a turma em duas equipes, cada uma delas receberá um tapete. Ao sinal do professor, deverão levar esse tapete até a outra borda da piscina, empurrando o mesmo e batendo pernas. A equipe que vencer determina um tipo de prenda à outra equipe.

Atividade 5: Sai Tainha.

Descrição: Atividade cantada. Os alunos formarão uma fila e darão uma volta ao redor da piscina (junto à borda), cantando a música da Tainha, já conhecida pela maioria dos alunos. Os alunos ao terminarem a volta, sairão pela rampa finalizando a atividade.

ANEXOS

ANEXO A

Matriz de Análise do Tempo

ATIVIDADES	TEMPO INICIAL (h:min:seg)	TEMPO FINAL (h:min:seg)	DURAÇÃO
Tempo de Chegada			
Tempo de Transição			
Atividade 1			
Tempo de Transição			
Atividade 2			
Tempo de Transição			
Atividade 3			
Tempo de Transição			
Atividade 4			
Tempo de Transição			
Atividade 5			
Tempo de Saída			
TEMPO TOTAL EM ATIVIDADES			
TEMPO TOTAL EM TRANSIÇÃO			
TEMPO TOTAL DA AULA			

ANEXO B

Matriz de Análise do Comportamento Motor

CATEGORIAS	A1	A2	A3	A4	A5
	"Nome do avaliado"				
Conseguiu realizar a atividade					
Não conseguiu realizar a atividade					
Não realizou a atividade por outro motivo					
Precisou de auxílio de uma pessoa					
Precisou de auxílio de um objeto					
Dificuldade manter-se em pé sem apoio					
Dificuldade de equilíbrio					
Dificuldade em sentar-se e levantar-se					
Dificuldade em caminhar					
Dificuldade em saltar					
Nenhuma dificuldade					
Outras dificuldades					

ANEXO C

Matriz de Análise do Comportamento Social – SOCIOGRAMA

“Nome da criança analisada” “C8”	A1	A2	A3	A4	A5
<i>Crianças</i>					
C1					
C2					
C3					
C4					
C5					
C6					
C7					
<i>Acadêmicos</i>					
Acadêmico1					
Acadêmico2					
Acadêmico3					
Acadêmico4					
Acadêmico5					
Acadêmico6					
Acadêmico7					
Acadêmico8					
Acadêmico9					
Acadêmico10					
Acadêmico11					
Legenda: FOI PROCURADO = “X” PROCUROU = “O” AUSENTE= “ * ”					